

Victor Vincent Valla

companheiro de lutas, de ideias, de vida

Regina Leite Garcia (Org.)

Edson Fernando de Almeida

Eduardo Navarro Stotz

Eymard Mourão Vasconcelos

Eveline Algebaile

José Luis Petruccelli

Kitta Eitler

Reinaldo Matias Fleuri

ANPEd

2009

Realização:

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED
(Gestão 2005-2009)

Apoio:

Coordenação de Educação a Distância/Universidade Federal de Pernambuco

Copyright© 2009 Gráfica J. Luiz Vasconcelos
Rua da Conceição, 48 – Boa Vista – Recife – Pernambuco

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação,
por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da editora.
Os textos contidos neste livro são de inteira responsabilidade de seus autores.

Revisão

Maria de Fátima Duarte Angeiras

Capa

Carlos Alexandre Lapa de Aguiar

Diagramação

Kaliana Virginia Pinheiro Lima

Impressão e Acabamento

Gráfica J. Luiz Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Regina Leite Garcia. (org.) []

Victor Vicent Valla: companheiro de lutas, de ideias, de vida. Márcia Angela da Silva Aguiar, Edson F. de Almeida, Eveline Algebaile, Eymard M. Vasconcelos, Eduardo N. Stotz, Reinaldo Fleuri, José Luis Petrucelli, Kitta Eitle

[]. Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos Ed; 2009

Vários autores - um volume

1. Educação - Brasil. 2. Educação popular - Brasil. 3. Victor Vicent Valla
I. Garcia. II. Aguiar. III. Almeida. IV. Algebaile. V. Stotz. VI. Fleuri.

SUMÁRIO

Apresentação

Meu amigo irmão Valla

Regina Leite Garcia

07

Não por acaso chamaram-lhe Victor, Victor Vincent Valla

Edson Fernando de Almeida

15

Pelas sua mãos

Eveline Algebaile

19

Victor Valla e o movimento da educação popular em saúde

Eymard Mourão Vasconcelos

31

O educador e o pesquisador

Eduardo Navarro Stotz

39

Valla

Reinaldo Fleuri

55

Rupturas existenciais e conversão radical à causa dos pobres: a trajetória espiritual de Victor Valla

José Luis Petruccelli

65

Querido Valla

Kitta Eitler

81

APRESENTAÇÃO

Mais do que reverenciar a memória de um dos seus mais ilustres associados – Professor Víctor Vicent Valla, fundador e ex-Coordenador do Grupo de Trabalho Educação Popular, a Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação-ANPEd, com esta publicação, presta um pleito de reconhecimento à sua inestimável contribuição acadêmica ao campo da educação popular, e inaugura a divulgação sistemática para a sociedade das ideias e ações relevantes de membros da comunidade acadêmica vinculados a esta Associação, em especial para os que se iniciam nas lides da pós-graduação e da pesquisa na área da Educação.

Vitor Vicent Valla, pesquisador norte-americano residente no Rio de Janeiro desde 1964, honrou seu tempo e o seu ofício de educador. Foi um marco no campo da educação popular, com contribuições teóricas importantes, e um intelectual engajado nas lutas para superar o quadro de desigualdades sociais na América Latina. Participou ativamente do Grupo de Trabalho Educação Popular da ANPEd, ao longo de duas décadas, contribuindo decisivamente para a sua dinâmica e identidade.

Militante reconhecido da educação popular, Valla afirmava que “o objeto de conhecimento e de ação desse campo é a situação de exploração e subordinação das classes populares, sua apartação dos direitos já naturalizados para as classes médias e altas. Em torno desse objeto de conhecimento e de ação, temos construído concepções, práticas e propostas permanentemente postas à prova em termos do seu alcance efetivo, bem como de sua capacidade de indicar caminhos e de resultar em soluções para os problemas identificados. Por isso, nossa participação nesse campo deve também se dar no sentido de contribuir para a discussão e reconstrução dessas concepções e práticas, para que possamos avançar na identificação desses caminhos e na construção de novas condições a partir das quais seja possível produzir soluções verdadeiras” (VALLA, 2009).

Suas ideias e prática política repercutiram entre os educadores e estudantes identificados com o campo da educação popular, constituindo-se um elemento estimulador do avanço da pesquisa na área e de intervenção na realidade social. Na medida em que os anos passavam o seu protagonismo aumentava na formação de várias gerações de profissionais: professores, médicos, assistentes sociais e outros agentes do campo social. A todos levava a sua mensagem solidária, política e

humana.

Em setembro de 2009, faleceu Víctor Vicent Valla, mas suas ideias e postura democrática permanecerão como exemplo vivo da atuação engajada de um educador comprometido com as causas sociais e populares. Sua importante contribuição ao pensamento da educação popular é destacada pelos articulistas do presente livro que a ANPED oferece aos leitores, e que contou com o apoio da Universidade Federal de Pernambuco que viabilizou esta edição.

Caxambu, novembro de 2009

Márcia Angela da Silva Aguiar

Presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
(Gestão 2005-2009)

MEU AMIGO IRMÃO VALLA

Regina Leite Garcia¹

Victor Vincent Valla, americano por nascimento, brasileiro por escolha. Uma vida dedicada à luta por um mundo melhor, uma vida dedicada a melhor entender os pobres. Ele sabia que para lutar contra as injustiças sociais, que tanto penalizam a tantos, luta à qual dedicou a sua vida, era necessário melhor compreender os que vivem a pobreza e sofrem as injustiças. Estava convencido que só os compreendendo, poderíamos participar da luta dos que Fanon denominou os condenados da terra, aqueles que teriam o papel histórico de mudar o mundo.

Ao contrário dos que se posicionam como vanguarda, se acreditando o único motor da mudança, para Valla, o papel dos intelectuais, dos técnicos, dos pesquisadores que vêm da Universidade, cheios de uma ciência acompanhada de preconceitos, seria apenas de *conscientes coadjuvantes*. Ao que alguns vêm como ignorância ou atraso, Valla via a criatividade histórica, uma inventividade política que, muitas vezes nos ensina, ao invés de se limitar a aprender, ou melhor dito, situações em que poderia haver uma rica troca de saberes em que ambos aprendem e ensinam e juntos lutam por um mundo melhor. Ou ainda como um dia escreveu Valla – *um terceiro conhecimento resultado do que eu conheço com aquilo que o outro conhece*.

A possibilidade do inédito viável freireano ou a arte do possível sempre alimentou a esperança do Valla. Não por acaso incorporou e aprofundou a afirmação de José de Souza Martins de que **a crise da compreensão é nossa**. Pois para Valla haveria uma crise de compreensão dos intelectuais e mediadores que trabalham com a população pobre, em relação ao seu falar e ao seu fazer

Lembro-me de uma situação trazida por Valla, que muito nos fez pensar aprender e teorizar.

Tratava-se da situação de uma população pobre da comunidade próxima à Fiocruz, onde Valla e seu grupo realizavam a sua pesquisa-intervenção², em que a

¹ Professora da Universidade Federal Fluminense.

² Se denomino a pesquisa do Valla de pesquisa-intervenção é porque ele não queria apenas compreender a situação com a qual se deparava, mas estava radicalmente comprometido com a mudança dessa situação. Ele não pesquisava apenas para compreender a realidade e sobre ela teorizar e escrever. Talvez se pudesse dizer que ele estava afinado com a Tese XI sobre Feuerbach – os filósofos não fizeram mais do que interpretar de diversos modos o mundo, mas do que se trata é de transformá-lo.

falta d'água era um problema constante. A água muitas vezes chegava de madrugada, quando chegava, obrigando as mulheres a juntar água em latões e a lavar o que era possível lavar no exíguo tempo de que dispunham. Logo após aquela penosa tarefa imposta às mulheres trabalhadoras da comunidade, elas eram obrigadas a sair para trabalhar, pois chegar atrasada ao trabalho poderia significar perder o emprego. .o que parecia aos pesquisadores um absurdo. Inicialmente a ação do Valla tinha sido no sentido de que a população se mobilizasse para pressionar o Estado a cumprir a sua função social de garantir água à população. No entanto, depois de muita conversa e pouca adesão à proposta dos pesquisadores, uma das lideranças locais afirmou:

Não nos interessa pressionar o Estado que pode ceder ou ignorar a nossa pressão e nós podemos perder o pouco que temos em vez de ganhar mais. É melhor mantermos o nosso acordo com o responsável pra ele ligar a água. E ele nos garante água três vezes por semana. Melhor isso do que nada que é o que vinha acontecendo quando pensávamos que o caminho era só de fazer pressão junto às autoridades.

Situações como esta, levaram o Valla a afirmar que

“trata-se a população como se fosse um quadro-negro apagado, oferecendo-lhe aquilo que nós achamos correto”

Valla trouxe esta situação e tantas outras, para compartilhar conosco as suas dúvidas e descobertas, discutindo-as conosco ... e muito aprendemos. Talvez, mais que tudo tenhamos aprendido que a crise da compreensão é nossa, que nos pretendíamos comprometidos com ”a elevação cultural e moral do povo”, como naquele tempo alguns autores e professores nos haviam ensinado e que Valla denunciava como uma **ação domesticadora**, ao colocar as classes populares como ignorantes, a nós cabendo tirá-las da ignorância, numa perspectiva iluminista.

Sempre que esta discussão reaparecia alguém lhe perguntava – e isto quer dizer que a escola não tem importância? E ele, com o jeito manso de sempre, respondia – Tem e muito. Mas esta é outra história. Pois há que se discutir o que é ser educado. E qual o papel de quem está no lugar de educador, pois o bom educador há que mediar o que se propõe a ensinar com as condições de vida do

educando. Só assim se rompe o hiato entre quem está no lugar de quem ensina e quem é colocado no lugar de quem nada sabe e está ali apenas para aprender.

Meu primeiro contato pessoal com Valla foi lá nos idos de 1982, ele, professor do IESAE, eu, aluna do doutorado na UFRJ. Como ele trabalhava com educação popular e minha pesquisa do doutorado tratava da questão da alfabetização dos alunos das classes populares e eu já havia lido alguns de seus textos, senti logo, logo, as afinidades eletivas que nos aproximavam. Solicitei à coordenação de meu curso a possibilidade de fazer o curso do Valla, no que fui atendida. E lá fui eu, me matricular e iniciar uma relação que a cada dia foi se aprofundando, tornando-nos como dizia o Valla – Irmãos por escolha.

A primeira vez que nos demos conta de sermos irmãos por escolha foi um dia em que nos queixávamos de nossos irmãos de sangue. Queixas de lá, queixas de cá e, de repente me diz o Valla, então já meu grande amigo. Dizia ele : sua irmã e meus irmãos são nossos irmãos porque nasceram da mesma mãe. Nós não os escolhemos nem eles a nós. Nós dois, no entanto, somos irmãos porque nos escolhemos e isto faz toda a diferença. Daí em diante, quando um de nós, por alguma razão fazia reclamações sobre um de nossos irmãos ou irmã, o outro sorria e dizia – afinal de contas, não os escolhemos ... e temos um ao outro ... irmão /irmã por escolha.

Muito aprendi com o Victor Valla professor, apesar de inicialmente ter levado alguns sustos com aquele seu jeito simples, único e talvez à primeira vista naïf (neste caso, fui compreendendo que a crise da compreensão era minha) de aceitação do que muitas vezes me parecia impossível de aceitar. Mas, na medida em que melhor compreendia o seu modo de ser, fui aprendendo que Valla virava a contrapelo o papel do professor, o ser professor, a relação professor-aluno, a relação entre o ensinar e o aprender. Ele sabia o que eu ainda não sabia, embora o poeta já o soubesse, que **mestre é quem de repente aprende**. Logo, só é mestre, e Valla o era, quem se abre para aprender com quem está no lugar de aprendente. Hoje, eu e meus e minhas colegas dos Estudos com o Cotidiano, escrevemos **ensinaraprender** ou **aprenderensinar**, já que para nós esta é uma relação indissociável, em que o ensinar está imbricado no aprender e o aprender está imbricado no ensinar. Mas para chegar a isto muitas águas rolaram. Águas que nos trouxeram o que as militantes negras norte-americanas ensinavam ao mundo – que quando muda o paradigma teórico-epistemológico há que mudar a escrita, coerente com o princípio da indissociabilidade forma-conteúdo. Ao mudar o conteúdo inevitavelmente vai mudando a forma.

Meu primeiro susto como aluna do Valla foi logo no início do curso do IESAE

do qual passei a participar, quando um dos alunos disse alguma coisa que pareceu surpreender a muitos. A afirmação do aluno, que a meu juízo era extemporânea, fez-se silêncio na sala. Todos se voltaram para o professor, na expectativa do que ele diria com a sua autoridade do saber docente. E ele, com aquele jeito manso, que só com o tempo fui conhecendo, aceitando, respeitando, compreendendo e com ele aprendendo, voltou-se para o aluno e olhando para ele com ternura, como se buscasse nele algo muito importante, lhe perguntou:

-Você acha, é? Interessante, nunca havia pensado deste ponto de vista....

Parou, ficou pensativo, fez-se silêncio por um tempo e a aula continuou a partir do que o aluno havia dito.

Só muitos anos depois é que fui encontrar em Humberto Maturana, uma explicação para o que vivenciara com a reação do Valla a uma afirmação de um aluno. **Aceitar o outro enquanto legítimo outro.** Talvez tenha sido o Valla, a única pessoa que jamais vi verdadeiramente aceitando o outro enquanto legítimo outro. Se Valla já tinha lido Maturana naquele tempo, não sei

O que sei é que no meu grupo de pesquisa temos voltado muitas e muitas vezes à afirmação de Maturana e à minha surpresa quando, pela primeira vez presenciei alguém que de fato aceitava o outro enquanto legítimo outro, ainda que este outro pudesse dizer algo com o que não concordava.

É interessante observar, ou talvez confirmar, que mais uma vez a Arte se antecipa à Ciência, pois há pouco fui encontrar em Jorge Luis Borges que, para ele, o diálogo haveria de ser marcado pela tolerância e que aprendera no Japão o *admirável hábito de supor que o interlocutor tem razão.*

Este primeiro susto se repetiu muitas e muitas vezes durante nossa convivência de quase trinta anos. A aceitação incondicional do outro nunca deixou de me surpreender em Valla, pelo inusitado numa sociedade e sobretudo na Academia, em que a competição é o que o mais das vezes caracteriza as relações.

Muitas outras histórias eu poderia contar de minha relação com Victor Valla. A perda com a sua morte me fez abrir o meu baú de memórias e dele foram saindo tantas lembranças, momentos de alegrias e de dores, momentos de surpresas e de perplexidade, momentos de aprendizagem e, entre as aprendizagens a que talvez tenha mais me afetado, a capacidade do Valla despertar em cada um/a o que o outro tinha de melhor.

Muito pensei tentando compreender o que explicaria, numa sociedade que estimula o individualismo possessivo e a competição, em que o senso comum é o *“É preciso levar vantagem. Certo?”*, que alguém como o Valla despertasse o lado

melhor de tanta gente. Eu assisti isto acontecer sempre que demos cursos juntos. Assisti também o carinho de gente como o motorista que passou a servi-lo depois do primeiro AVC, a relação que se estabeleceu entre ele e o seu acompanhante nos últimos anos, o respeito e admiração carinhosa que provocava nos alunos, o que cada um/a dos companheiros e companheiras que convidei a participar deste livro deixa transparecer ao escrever sobre ele.

Nosso querido Valla era uma pessoa muito especial que, entre tantas qualidades intelectuais tinha a capacidade de guardar a humanidade perdida por tantos e contaminar quem dele se aproximava.

Vamos então continuando com minhas lembranças.

Eu estava com Valla no dia em que ele se naturalizou brasileiro, tomado de grande emoção. Sua emoção contaminou a todos e todas nós, seus amigos e amigas, presentes quando ele assumia por opção uma nova nacionalidade. Nosso amigo nos ensinava naquele momento, a diferença entre ser brasileiro por ter nascido no Brasil e tornar-se brasileiro por optar radicalmente por ser brasileiro. Aprendíamos com a radicalidade com que Valla vivia aquele momento, o que Benjamin denominaria **experiência** se vivo fosse, mais uma lição que modestamente ele nos ensinava. Ele nos ensinava com sua atitude a diferença entre o que, apesar de nós, nos acontece, e o que acontece por ação consciente nossa, situação em que assumimos a nossa condição de sujeitos de nossas próprias opções.

A atitude e emoção do Valla ao tornar-se brasileiro por opção, se revelou para mim absolutamente diferente da minha condição de ser brasileira apenas por ter nascido no Brasil.

Uma vez organizamos um livro ao qual denominamos **A fala dos excluídos**² .. Se alguma coisa era comum a todos nós que participamos do livro, era o nosso compromisso com a construção de um mundo melhor. Hoje eu diria que o que nos unia era o mote do Fórum Social Mundial de que **um outro mundo é possível**, ou, mais afim com o pensamento do Valla, o mote dos zapatistas de luta por **um mundo em que caibam outros mundos**.

Na Apresentação escrevemos que a ideia do livro surgira das muitas conversas nossas sobre nosso trabalho com grupos populares da zona norte do município do Rio de Janeiro(o Valla) e com grupos de professoras, mães e crianças das escolas públicas do mesmo município(eu),além de nossas andanças por este imenso Brasil,

² GARCIA, Regina Leite & VALLA, Victor V. A fala dos excluídos. CADERNOS CEDES N°38, 1996. São Paulo: Papirus

discutindo em sindicatos, partidos políticos, secretarias de educação e de saúde, universidades, Ongs, grupos populares, que compõem o que temos denominado classes populares.

Um dos temas que discutimos em A fala dos excluídos foi a **exclusão integrativa** a que estão sujeitas as classes populares. Pretendíamos, todos os autores, criar espaços em nossos textos para que os historicamente silenciados, falassem, possibilidade de expressão do conhecimento acumulado por estes grupos, em geral não reconhecidos em seus saberes. Para nós era evidente que, numa visão etnocêntrica, os intelectuais, pesquisadores, ONGs e partidos políticos, ainda que comprometidos com as lutas populares, não conseguiam “ler” as falas dos grupos populares, no sentido que eles dão às suas próprias falas.

Acredito que tenhamos conseguido atingir os nossos objetivos pretendidos com este Caderno Cedes, vez que a primeira edição foi rapidamente esgotada. E, daí para a frente, muita cópia xerox foi feita a fim de que os textos pudessem ser discutidos pelos militantes e pelos alunos da universidade. Nós mesmos, Valla e eu, freqüentemente retomávamos este nosso livrinho para beber daquelas águas cheias de nossos fazeres e de nossos pensares.

Tendo durante muito tempo se dedicado aos estudos sobre o fracasso escolar e à crítica à medicalização do fracasso escolar, nos últimos anos Valla se concentrou mais que tudo nos estudos sobre religiosidade popular e sobre apoio social. Muito pesquisou, muito estudou, muito teorizou sobre uma questão que tanto o mobilizava. Trouxe para o Brasil, com o seu pós-doutorado na Califórnia, autores, até então, por muitos de nós desconhecidos. Evers, Goleman, McEwen, Finkler, Parker. Revisitou alguns autores como Löwy, Martins, Chauí e foi desenvolvendo uma explicação teórico-epistemológica e política para melhor compreender e fazer compreender o papel crescente da religiosidade popular para o enfrentamento da pobreza e da violência, do sofrimento e do stress, até chegar à afirmação com Corten, do pentecostalismo como a religião dos pobres.

Dadas as condições de pobreza e violência em que vivem as classes populares nas grandes cidades brasileiras, as pessoas estariam expostas a um **susto contínuo**, que provocaria stress, ou, como Valla e Stotz denominaram, a um estado de **emergência permanente**.

O apoio social se constituiria numa resposta à situação tantas vezes insuportável a que estão expostos os pobres numa sociedade como a brasileira, cujos índices de concentração de renda e, por consequência, de produção da miséria, é assustador. Para Valla a religiosidade e o apoio social ofereceriam o suporte alternativo ao bem

estar dos pobres, tornando mais tolerável as suas vidas. Apesar do dito popular de que para quem é pobre tudo é melhor do que nada, a miséria a que tantos brasileiros e brasileiras são expostos se poderia afirmar ser menos do que nada.

Esta era a luta de Victor Valla. Luta diária, compromisso permanente que se revelava no cotidiano de sua vida, fosse quando atuava diretamente com a população pobre, fosse quando estava formando novas gerações na universidade. Preparar uma aula para ele fazia parte de sua militância, tão forte quanto participar do partido político ou participar de uma reunião com grupos de professoras primárias.

No seu último momento de vida, Valla preparava a sua aula para o dia seguinte na Fiocruz.

Nosso querido amigo Valla não morre. O corpo velado na Igreja Cristã de Ipanema parecia dormir apenas. Não estar morto. Para nós, seus amigos e amigas, fomos depois compreendendo, que ele efetivamente não estava morto. Pois com a morte física Valla passa para o que alguns companheiros neste livro denominam outra dimensão. Ele vive nas lembranças que cada um/a de nós, que foi tocado por sua generosa amorosidade, guarda dele.

NÃO POR ACASO CHAMARAM-LHE VICTOR, VICTOR VINCENT VALLA

Sermão proferido pelo Pastor Edson Fernando de Almeida
por ocasião do culto de gratidão a Deus pela vida de Victor Valla

Foi-se para o coração do Pai nosso querido Victor Valla. No dizer de Henri Nouwen, foi-se um verdadeiro *místico revolucionário*.

Revolucionário por sua militância no campo acadêmico e científico, sempre no horizonte da luta pelos pobres; revolucionário no inconformismo com o tempo presente próprio daqueles e daquelas que não se querem reféns da escolha entre este mundo e um mundo reformado, melhorado.

Victor queria e lutava por um outro mundo. Um revolucionário que não deu aos seus alunos e alunas uma ideologia, deu outrossim a própria vida, ofereceu-se a si mesmo. A reverso da face revolucionária de Victor era a sua piedade mística.

Sua militância tão abrangente nutria-se das raízes de uma interioridade profunda, silenciosa, cuja face visível era a vida meditativa que cultivava sempre em comunhão com um grupo de amigos e amigas inspirados pelo budismo engajado de *Thich Nhat Hanh* e da participação intensa na vida comunitária da Igreja Cristã de Ipanema.

Victor lembra o personagem bíblico Barnabé. O milagre da partilha foi tão radical na vida desse homem, a ponto de ter seu nome mudado de José para Barnabé. O sentido é: *filho da exortação, filho da consolação*.

E aqui é bom lembrar que na cultura semita o nome não é apenas tentativa de rotular o outro para diferenciá-lo dos demais. O nome é a própria pessoa. A pessoa é o seu nome. Por isso é freqüente nas narrativas bíblicas que as mudanças profundas acontecidas na trajetória de mulheres e homens sejam acompanhadas da adoção de um outro nome. Sarai-Sara, Abrão- Abraão, Saulo-Paulo e por aí vai.

Tal acontecimento nos faz lembrar a epígrafe do livro *Todos os nomes*, de Saramago: *Conheces os nomes que te deram, não conheces o nome que tens*. Qual será o nosso verdadeiro nome, aquilo que somos realmente? Em linguagem religiosa poderíamos dizer que só Deus conhece quem realmente somos. E talvez boa parte da nossa trajetória seja a tentativa de encontrarmos esse SELF, esse ser que realmente somos.

Podemos pensar esta questão do nome pela via das nossas origens. O que

teriam imaginado os cuidadores de Victor ao darem-lhe o nome que deram? Outro dia perguntei a minha mãe o por que do meu nome. Disse-me que meu pai, torcedor fanático do São Paulo Futebol Clube, era fã do ponto esquerda do time em 1964. O nome? Edson. Pois bem, quantas expectativas carregamos em nosso nome. E, porque não dizer também, quantos pesos, quantas imposições, quantos desejos frustrados não trazemos no nome que nos foi dado.

Por isso a ideia de mudança do nome, segundo o imaginário semita, faz muito sentido. Podemos pensar também esta questão do nome pelos apelidos que a vida nos vai dando. Alguns deles carinhosos, recortam algum aspecto terno e bonito de nossa personalidade, mas há também aqueles apelidos cruéis que falam das nossas fragilidades e deficiências.

Finalmente, podemos pensar aquele nome que nos será dado no último dia, quando um ponto final for colocado em nossa existência e a frase da nossa vida ganhar o sentido pleno. *Quando pudermos ver como somos vistos*, como no dizer Paulino. *Quando conhecermos como somos conhecidos*. Lembro-me aqui da palavra do Senhor, na parábola dos talentos: *Servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor*.

Lá na ponta do fim desse frágil fio que é a nossa vida, a palavra final será dita e conheceremos o nosso SELF. Por enquanto, tudo está em aberto e, de alguma maneira, o nome que somos está sendo construído.

A propósito da parábola a que fiz referência, chama a atenção os dois adjetivos usados pelo Senhor para referir-se ao servo: *Bom e fiel*. No relato de Atos dos Apóstolos diz-se de Barnabé que é homem *bom e fiel*. Parece-me sugestivo que esses adjetivos sejam freqüentemente atribuídos ao Sagrado, sendo atributos próprios da divindade, principalmente nos textos sagrados das três grandes fés monoteístas. Deus é bom, Deus é fiel, Deus é o misericordioso!

Permitam-me aqui uma referência rápida ao Salmo 23 onde o que estou dizendo aparece de forma plena. E, como uma homenagem ao Victor, que adorava a linguagem caipira desse Brasil sertanejo, permitam-me dizer este Salmo como um *Sarmo*:

*O Sinhô é meu pastô e nada há de me fartá
Ele me faiz caminhá pelos verde capinzá
Ele tamém me leva pros corgos de água carma
Inda que eu tenha qui andá nos buraco assombrado
lá pelas encruzinhada do capeta
não careço tê medo di nada*

*a-modo-de-quê Ele é mais forte que o “coisa-ruim”
Ele sempre nos prepara uma boa bóia
na frente di tudo quanto é maracutaia
E é assim que um dia
quando a gente tivé mais-pra-lá-do-qui-pra-cá
nóis vai morá no rancho do Sinhô
pra inté nunca mais se acabá...*

Será que seria absurdo dizer que o que sempre procuramos em Deus, no fundo seja aquilo que gostaríamos de encontrar em nós mesmos? Como diz o Jean Yves Leloup, há em nós uma bondade radical. Um sim pleno, no meio de todas as sombras dos nossos não. Penso que Victor soube resgatar essa bondade radical, que verdadeiramente pode superar o ciclo das malignidades que crucificam ainda hoje o filho de Deus pelos corpos dos pequenos da terra.

Mas de Barnabé e Victor é preciso dizer mais. É preciso dizer que foram fiéis. *Deus é fiel*, está escrito no peito de algumas crianças nos sinais do Rio de Janeiro, malabaristas das bolinhas da sobrevivência.

O que querem dizer essas crianças? O que é ser fiel? E aqui gostaria de colocar o foco nesta passagem de um dizer a fé, de um professar a fé, para um ser a fé. Fiel, aquele@ cuja fé está no que faz, no que é. E assim como é diferente o discurso da bondade para o ser bom, também há um abismo entre o dizer a fé, e ser fiel. E, se vocês me permitem, estou pensando este ser fiel, para quem da fé em Cristo e mesmo da fé em Deus. Estou pensando nesta fidelidade a um outro, sem a qual esta vida naufraga no descrédito.

Penso no ser fiel como aquele movimento radical de dar crédito, de acreditar no semelhante. Aquela confiança (fiar com) depositada no outro, tornando possível que este permaneça em pé. No auge da crise global econômica iniciada em outubro do ano passado, dizia-se que vivíamos principalmente uma crise de crédito. Tomo esta afirmação como uma verdade que extrapola em muito o aspecto financeiro, econômico; penso-a com respeito à realidade da nossa coexistência nesse mundo.

Ou seja, a vida só é possível para nós se somos capazes de dar crédito ao nosso semelhante. Victor, como Barnabé sempre foi um homem fiel. Quantas passagens fiou como orientador de teses, como facilitador de projetos, como professor parturiente dos sonhos de seus muitos orientandos e orientandas.... Não, não é possível fazer a travessia desta vida por ninguém. Não podemos viver no lugar de ninguém, como também não podemos morrer no lugar de ninguém. Mas, podemos ser fiadores dos nossos semelhantes em suas diversas passagens.

Quem de nós não se lembra de uma palavra decisiva no momento radical de uma escolha. Ou de um colo acolhedor que renovou as forças para dar o passo seguinte, impedindo que nos afogássemos no ódio e no medo? Sob esse aspecto é possível entender porque Jesus dizia de maneira recorrente, *vai a tua fé te salvou*. Jesus foi sempre um fiador de diversas travessias. Mas, terminando nossa reflexão, poderíamos perguntar a esta altura de que serviria essa presença fiadora, parteira e facilitadora se não fosse capaz de nos convencer a dar o passo seguinte, a sair do atoleiro dos muitos não e buscar aquele sim radical à vida?

E aqui o termo convicção diz muito. Trata-se de uma presença, de uma palavra, de um aconchego, de um afeto que me faz lutar e vencer as mensagens negativas que atravessam todos os meus medos. Com vicção. O prefixo aponta para a necessidade de companhia na difícil travessia. Com Victor quantas passagens tornaram-se possíveis nesta vida... Não é preciso consultar o seu curriculum lattes, ou conversar com os seus pares no mundo acadêmico, ou mesmo perguntar aos seus orientandos e orientandas que tanto o amaram e amam. É só olhar para quem foi Victor nestes pouco mais de dez anos de convivência conosco. Lembrei-me hoje do Xote da Vitória, de Lean M. de Barros e João Francisco Esvael. Parece que foi escrita pensando no Victor.

*Se perguntarem sobre o dia da **Vitória***

Tu dirás com esperança: tudo aqui vai melhorar.

O povo alegre realizará a história

E no fim do tempo certo a colheita se dará.

A fome haverá? Não!

Violência haverá? Não!...

A nossa terra terá vida abundante

Pra que a gente cante e dance

A plenitude do amor!

Se Victor é o nome que te deram, nosso irmão querido, ficamos aqui a imaginar o nome que realmente tens recebido do Pai! Vai servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor. E que tua bondade e fidelidade inspirem os nossos passos.

Edson Fernando de Almeida é doutor em teologia pela PUC-Rio e pastor da Igreja Cristã de Ipanema, no Rio de Janeiro, desde 1992.

PELAS SUAS MÃOS

Eveline Algebaile¹

O convite da professora Regina Leite Garcia para que eu participasse deste livro me provocou, inicialmente, uma confusão de sentimentos. Em seu convite, Regina explicava que organizaria um livro sobre o querido professor e amigo Victor Vincent Valla e que estava convidando pessoas que lhe foram próximas para escreverem artigos que, em conjunto, constituiriam uma tentativa de homenagear “a quem tanto devemos pelo tanto que nos deu a cada um”. Era a mais justa homenagem e foi imediato o meu sentimento de satisfação por ser convidada para falar de alguém tão especial, tão importante na minha formação profissional, política, humana, tão importante na formação de várias gerações de professores, médicos, assistentes sociais e outros profissionais atuantes no campo social, tão importante para o pensamento social brasileiro. Porém, após quase 20 anos de convívio marcado por uma proximidade que se intensificou ao longo do tempo e me proporcionou lugares e situações variadas de escuta, troca, aprendizagem e experiências compartilhadas, após quase 20 anos de tão forte presença, eu me sentia, diante dessa coisa estranha que é a ausência, igualmente ausente de palavras.

Em seu convite, contudo, Regina me indicava um caminho, sugerindo que eu escrevesse sobre o trabalho desenvolvido com Valla nos últimos anos, quando nos lançamos à tarefa de releitura de um de seus primeiros livros, Educação e Favela, com o objetivo de “reescrevê-lo”, à luz das questões que o contexto mais recente nos apontava. E dizia, em sua mensagem: “Eu posso me lembrar da alegria dele quando me contou que você ia uma vez por semana e lia e com ele reescrevia cada página do livro. Gostaria que você fizesse um dos textos sobre o processo de reler um livro feito por ele há alguns anos e relido por vocês dois e reescrito hoje a quatro mãos. Isto não significa que você deve ficar limitada a este momento. O texto é seu, as lembranças são suas, as escolhas são suas”.

Agarrei-me, então, às palavras de Regina, às lembranças que ela me acionou, para cumprir esta tarefa, honrosa, de falar um pouco do muito que teremos sempre a lembrar e a dizer do amigo e professor muito querido Victor Valla. A forma narrativa do texto, excessivamente coloquial, foi a forma possível.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense e Professora Adjunta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A oportunidade de trabalhar e conviver com o professor Victor Valla foi para mim um presente e não escondo o sentimento de sorte, de fortuna, que tenho quando lembro que estive tão próxima de alguém tão especial, tão desconcertante no seu brilhantismo totalmente misturado com uma simplicidade quase infantil, tão aconchegante no seu modo de nos ouvir como se estivesse diante da revelação de um mistério.

Mas esse convívio envolveu, nos últimos anos, situações e sentimentos muito contraditórios, já que, por conta do problema de saúde que lhe seqüestrou parte dos movimentos e da autonomia, sem lhe seqüestrar o brilhantismo e a simplicidade infantil, estar com Valla implicava festejar sua presença, a cada dia, mas também, a cada dia, ser atravessado por uma dura consciência de despedida.

O projeto de releitura dos textos de Valla, referido por Regina, realizou-se, principalmente, nesse contexto contraditório. Mas começou a ser pensado antes, em 2000, quando, já fazendo os créditos do doutorado sob sua orientação, comecei a fazer uma leitura ordenada de seus textos.

Eu havia conhecido Valla em 1991, quando, ainda na graduação, participei pela primeira vez da Anped, no GT de Educação Popular, então sob sua coordenação. Desde aquele momento, uma sucessão de coincidências e afinidades nos aproximou, possibilitando atividades conjuntas na militância partidária, na participação em fóruns de discussão e formulação de políticas públicas e mesmo em oportunidades ímpares de um convívio quase cotidiano, como vizinhos que éramos e como amigos que nos tornamos, numa amizade que envolveu nossas famílias.

Apesar de toda essa proximidade, que me proporcionou um lugar privilegiado de aprendizagem humana, política e acadêmica, e apesar de ter ingressado no mestrado em grande parte por conta de seus estímulos e orientações, só vim a cursar formalmente uma disciplina com Valla no doutorado, já como sua orientanda.

Talvez tenha sido isto – o predomínio da informalidade e da falta de sistematicidade que até então havia conduzido minha relação de trabalho e aprendizagem com Valla – o que me fez perceber que o doutorado, longe de ser uma ocasião destinada à continuidade de um modo de trabalho e interlocução já instituído, poderia ser exatamente a oportunidade de exercitar outras formas, ainda não experimentadas, de conhecimento e aproximação de um pensamento que, sob todos os aspectos, eu admirava. Daí a decisão de matricular-me no máximo possível de disciplinas por ele oferecidas, não apenas na Universidade Federal Fluminense (UFF), mas também na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Daí também a ideia de reler, em ordem cronológica, o máximo possível de seus textos, para tentar entender

a montagem de seu pensamento, acompanhando passo a passo a sua produção.

Mas essa proposta de leitura ordenada de seus textos virou um capítulo à parte nas nossas discussões, porque, inicialmente, Valla se opôs de forma quase veemente: não via sentido em que eu “interrompesse” minhas outras leituras para rever, de forma “escolar”, discussões que eu “já conhecia o suficiente” e que “não me acrescentariam” muita coisa. Disposta a vencer suas resistências que, de meu ponto de vista, resultavam de uma injustificada modéstia, discordei de seus argumentos: eu não conhecia seus textos o suficiente; eles eram parte essencial da minha discussão e, portanto, não iam interromper nada; e, com certeza, eles me acrescentariam coisas de diferentes modos. Por fim, não me importava que o exercício de leitura ordenada dos seus textos fosse visto como uma coisa “escolar”. Para mim, não era isso. Era um movimento de aproximação e conhecimento de suas análises por uma nova via, que me permitiria, para além de identificar questões e formulações, rastrear nexos, derivas e ramificações que colocariam à mostra sentidos nem sempre visíveis nos usos mais pontuais que eu havia feito, até então, de suas discussões. Não fui necessariamente convincente, mas fui exaustiva o suficiente para chegarmos a um “acordo”. Sob resmungos, Valla montou comigo um pequeno roteiro de textos para leitura, que, posteriormente, foi sendo ampliado. Essa decisão, sem o sabermos, nos levaria, bem à frente, à produção do livro referido por Regina.

Inicialmente vivida como um legítimo exercício disciplinado de conhecimento de formulações importantes para o meu trabalho, essa leitura me provocaria muito rapidamente um conjunto de “indisciplinas” altamente mobilizadoras.

Primeiro, porque a leitura em sequencia de textos com os quais eu tinha algum contato anterior, mas de modo disperso, funcionou como uma espécie de jogo de montar que, aos poucos, ia revelando formulações cujo sentido de conjunto eu realmente não conhecia.

Nunca havia parado para pensar muito nisso, mas, olhando para trás, noto que as minhas primeiras leituras dos textos de Valla me deixaram a impressão de que ele era um autor que falava de muitos assuntos, algo que respondia muito bem, naquele momento, às minhas demandas mais imediatas de discussão, pautadas pelo ritmo avassalador da prática política. A leitura em sequencia cronológica de seus textos não desmontou inicialmente esta percepção, mas trouxe algo de novo: a marca de sua produção não estava na diversidade de temas, como antes eu pensava, mas na forma persistente – e ordenada – como Valla parecia perseguir a “mudança de temas”. Ele não se portava como um livre pensador que, deliberadamente, recusa-

se a se fixar nos temas, discorrendo apenas sobre os fatos que lhe parecem mais instigantes. Havia uma seqüência – favela, educação escolar, atuação profissional em saúde, religiosidade... – que indiciava um caminho de busca e uma atenção extraordinária a uma pauta social nem sempre imediatamente visível.

Muito rapidamente, portanto, fui percebendo que a aparente “mudança de temas”, também entendida por mim como “mudança de objetos”, não era mais que as marcas do caminho que ele fazia, perseguindo o que se evidenciou, enfim, como seu objeto de vida inteira: os pobres, como vivem, como pensam, como agem. Cada texto assinalava um momento dos infinitos exercícios de compreensão a que ele se lançava sobre as classes populares no Brasil, exercícios que envolviam perigosos deslocamentos de campos de estudo, sem que as percepções propiciadas em cada campo fossem desprezadas nos novos âmbitos de estudo nos quais ele teimosa e corajosamente penetrava - “sem anticorpos”, como ele mesmo gostava de dizer.

O momento era mais do que propício para que isso ficasse tão evidente para mim, pois, além das leituras, as disciplinas que eu estava cursando com ele me sinalizavam todo o tempo o centro das suas preocupações, como no caso exemplar da disciplina obrigatória do doutorado – Epistemologia da Educação –, lecionada por Valla e Regina, cujo conteúdo havia sido reconstruído de forma a dar ênfase exatamente à produção do conhecimento tratada sob a ótica das classes populares.

Pois bem: também nessa época cursei com Valla a disciplina Educação, Saúde e Cidadania e ele havia proposto um trabalho de fim de curso em que inter-relacionássemos nosso tema de dissertação com as leituras e discussões efetuadas. Sem consultá-lo, resolvi fazer um trabalho na forma de uma carta em que eu contava o meu caminho e minha experiência de leitura de seus textos, destacava os conceitos e as formulações que ficavam para mim dessa leitura de conjunto e cobrava dele (que atrevimento...) um livro que amarrasse essas questões que atravessavam, cresciam e se modificavam ao longo dos textos, um livro que assumisse, desde o título (todos os seus textos eram sobre as classes populares, mas os títulos, em geral, referiam-se aos âmbitos de apreensão da forma de vida, pensamento e ação dos pobres: favela, educação, saúde, religiosidade...), seu “objeto de vida inteira”.

A recepção dele a essa minha “carta” foi, como sempre, carinhosa, porém, cuidadosa e reservada. Disse que eu tinha atribuído a ele coisas que não eram dele e se esquivou em relação à escrita de um novo livro. Não foi uma reação fria. Ficou claro que ele havia recebido o trabalho com alegria. Mas talvez eu tenha ido longe demais, entrando no trabalho dele, costurando-o ao meu modo, dizendo-lhe o que fazer. Entendi que era hora de encerrar a aventura e tomar outros caminhos.

Pouco tempo depois, quando já estávamos em um novo semestre, em meio a outras disciplinas, Valla sofreu o acidente vascular cerebral. Apesar da radical mudança de ritmo e de forma de organização da vida que isso lhe impôs, praticamente não interrompemos nossos encontros e discussões de orientação, que passaram a se realizar de modo diferente, porém sempre com intensidade. Pouco a pouco, e segundo os novos ritmos e condições, suas atividades regulares de trabalho foram sendo retomadas na UFF e na Fiocruz, até que, em 2003, Valla organizou, com Eduardo Stotz e Roseli Magalhães de Oliveira, a montagem de uma disciplina sobre a pobreza, na Fiocruz, e isso nos colocou em estado de máxima mobilização. Eu me matriculei na turma e acompanhei algo que foi muito, muito além de uma disciplina, até porque ele rapidamente desdobrou as aulas em um grupo de estudos sobre a pobreza, cujo trabalho acabou por resultar na produção do livro “Para compreender a pobreza no Brasil”, de cuja organização participei com entusiasmo.

Por um tempo, achei que aquela era a resposta que ele estava dando à antiga proposta do “livro novo”. Porém, tão logo esse livro foi lançado, Valla me disse que, havendo organizado suas ideias sobre a pobreza, já podia se dedicar “a falar do que era principal”, os pobres. Disse que estava disposto a reler os próprios textos para tentar destacar as questões que considerava mais importantes e retrabalhá-las à luz dos impasses observados no novo contexto. Por fim, perguntou se eu poderia fazer isso com ele.

Eu estava com a vida de cabeça para baixo. Com o doutorado recém-concluído e a sensação de um infinito débito familiar, havia assumido a Chefia do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, e quem me conhece sabe que, entre as minhas prováveis qualidades, não figura a objetividade mínima que considero necessária para um professor sobreviver ao cotidiano administrativo de uma instituição de ensino. Somava-se a isso meu “reingresso”, agora em nova posição, numa rotina acadêmica já totalmente marcada pela multiplicação desenfreada de editais, relatórios, eventos, avaliações...

Pedi a ele um tempo, mas, logo depois, pouco após sair da Chefia, no final de 2006, começamos a nos reunir semanalmente para trabalhar o que seria “o novo livro”, inicialmente pensado como um conjunto de artigos novos, construídos a partir da releitura dos seus antigos textos.

Começamos relendo o livro “Educação e favela” e fomos, aos poucos, agregando outros artigos seus que nos permitissem ter uma visão de conjunto de suas discussões sobre alguns temas, que, desde o “Educação e favela”, já apareciam de forma pronunciada: urbanização e cidadania, educação, saúde, formação e

atuação profissional no campo da saúde, religiosidade popular.

Esses temas, por sua vez, foram se mostrando nucleares em relação às questões que Valla queria retomar, referidas especialmente ao que ele identificava como o pior preconceito, o preconceito em relação aos pobres, expresso especialmente no não reconhecimento da ação do pobre como ação, na incompreensão e reiterada desqualificação do seu modo de pensar, na pressuposição de sua minoridade política e na conseqüente interdição do pobre como sujeito portador de legitimidade para dispor sobre o que o afeta.

A tendência à “culpabilização das vítimas”, tema retomado em diversos trabalhos de Valla, não expressava somente uma incompreensão em relação aos pobres e aos contextos que produziam as condições de sua destituição material. Expressava a persistência de uma recusa em atribuir validade e legitimidade ao ponto de vista dos pobres na reconstituição do conhecimento sobre os problemas que exigiam resposta da sociedade civil e do Estado, resultando na baixa resolutividade das políticas em tese produzidas para enfrentá-los. Nesse processo, o monopólio da interpretação dos problemas garantia o monopólio das decisões sobre os mesmos, produzindo-se uma destituição política que, no fim das contas, era igualmente reputada aos pobres.

Para Valla, todo o debate sobre a questão da democracia e do público passava por esse núcleo de questões que, não devidamente enfrentado, atenuava toda e qualquer proposição pretensamente democrática. A organização de instituições referidas aos direitos sociais, a montagem de projetos orientados ao enfrentamento da pobreza, a construção de propostas políticas implicadas com transformações sociais, a formação de profissionais comprometidos com as lutas das classes populares, todos esses movimentos eram limitados, atenuados na sua potência, por esse preconceito, cuja superação implicava levar às últimas conseqüências a necessidade de conhecimento sobre as especificidades dos pobres; de reconhecimento da insuficiência das nossas formulações sobre direitos para dar conta dessas especificidades; de conseqüente reconhecimento da legitimidade do ponto de vista dos pobres, de modo que esta se tornasse a principal referência na recomposição das questões acerca de direitos a serem enfrentadas. Esses deslocamentos deveriam se constituir como fundamento de uma concepção de público capaz de interpelar nossas práticas políticas, científicas e acadêmicas.

Ao longo de nossas releituras e discussões, Valla se mostrava particularmente mobilizado com certas formas de debate dos problemas sociais que silenciavam sobre aspectos importantes da sua produção. Um assunto que merecia especial

atenção era a tendência a se discutir o acesso dos pobres aos serviços básicos como um processo de simples extensão dos direitos já garantidos para as classes média e alta. Valla tinha uma profunda consciência de que os padrões de acesso a direitos produzidos para essas classes não eram extensíveis ao conjunto da população de um país capitalista dependente como o Brasil. Tais padrões haviam sido produzidos a partir de um uso seletivo de recursos que, naturalizado e afirmado como suposta etapa de um processo de consolidação de um direito que, no futuro, chegaria a todos, não era tratado como parte das ações implicadas com a reprodução da pobreza. Desse modo, as preocupações com os direitos dos pobres podiam dar-se, das formas mais piedosas, sem que o suposto “direito adquirido” das classes média e alta fosse posto em discussão.

Valla gostava de lembrar casos concretos que evidenciavam os obstáculos enfrentados quando se tentava estender para muitos um padrão de acesso a bens e serviços originalmente produzido para poucos. Contava a história da visita de Chico Buarque de Holanda a Cuba e citava seus comentários, ao retornar, de que Cuba parecia “uma grande Madureira”. Observava que, no atual contexto, a extensão do acesso ao exercício de direitos implicava inevitavelmente certa remontagem geral da distribuição de bens, serviços e recursos. Lembrava, assim, que a “transformação social” não assumiria a forma de um “grande Leblon” para todos; o mais provável era realmente chegarmos a uma “grande Madureira”, e isso implicaria a necessidade de renegociação social da destinação de recursos para a produção de bens acessíveis a todos. Falava sobre o forte conflito desencadeado na Nicarágua, na primeira gestão de Daniel Ortega, frente à tentativa de reforma do sistema público de abastecimento de água em Manágua, lembrando a veemente recusa, por parte das classes média e alta, do plano de racionamento proposto para garantir um imediato acesso à água a uma maior parcela da população, até que a conclusão das obras de ampliação de infra-estrutura de saneamento e abastecimento permitisse a retomada do anterior padrão de uso da água, em uma nova escala populacional.

Também costumava lembrar de discussões que presenciara, em fóruns políticos ou acadêmicos, nas quais as bem intencionadas e por vezes inflamadas proposições de ampliação do acesso aos direitos, à participação, aos serviços básicos não tocavam nas reservas de direitos e de poder de disposição das classes integradas. Perguntava-se até que ponto essa questão era efetivamente ignorada, até que ponto era deliberadamente omitida, como algo que não se aceita colocar em discussão.

Nossos encontros semanais, especialmente a partir do segundo semestre de

2007, foram muito marcados por esse movimento. Discutíamos livremente o texto cuja leitura prévia havia sido combinada, tão livremente que passeávamos para fora dos textos, visitando por outros ângulos as situações que os haviam provocado, relacionando-as a situações similares, lembrando discussões que havíamos presenciado, até que, em um momento não previamente combinado, percebíamos que era preciso escrever o que estava sendo dito. Muitas vezes, eu fazia anotações caóticas em um caderno reservado para esse fim. Outras vezes, as discussões pareciam tão claras que resolvíamos escrever direto no computador, registrando o conjunto de ideias que, depois, líamos em voz alta para acrescentarmos coisas, ordenar pensamentos, anotar pontos a desenvolver.

Esse trabalho em torno da releitura e discussão dos textos durou com regularidade todo o ano de 2007, continuando em 2008, mas com menor regularidade. Ao longo desse período, produzimos inúmeros textos, em geral sob a forma de tópicos ou roteiros expandidos em que ficavam registradas as impressões e questões suscitadas pelas releituras. Também nesse período foi produzido o texto que, de meu ponto de vista, melhor sintetizou as questões que tão ansiosamente Valla queria discutir: “Problematizando o termo ‘conversão’, a partir do campo religioso”, feito na forma de um Trabalho Encomendado pelo GT de Educação Popular da Anped, cuja sessão especial, naquele ano, foi dedicada à importância do pensamento de Valla para o campo da Educação Popular, uma homenagem que mexeu profundamente com ele, proporcionando-lhe uma emoção e uma alegria que eu não saberia descrever.

Quanto às nossas reuniões, a expectativa era que, delas, assim como do trabalho que simultaneamente ele desenvolvia com Maria Beatriz Guimarães, na Fiocruz, saísse o novo livro, a essa altura já intitulado “Classes populares no Brasil: exercícios de compreensão”. Nesse meio tempo, porém, após tantas reuniões, começamos a perceber que estávamos agradavelmente “perdidos” na releitura dos “textos antigos”.

Como posteriormente falaríamos na apresentação do livro, constatamos que nosso reencontro com os antigos trabalhos de Valla não foi marcado pela objetividade que sabíamos ser necessária. Os artigos revisitados tinham vida e nos punham a dialogar com as situações e os contextos que haviam alimentado sua escrita. Tinham uma integridade que não saberíamos reproduzir e resolvemos mudar em definitivo o formato do livro, transformando-o em uma coletânea onde uma seleção dos artigos antigos apresentaria os vários “exercícios de compreensão” vividos por Valla, em diferentes momentos, a partir de diferentes ângulos. De

efetivamente novo, teríamos, em primeiro lugar, essa nova apresentação, em conjunto, de artigos anteriormente publicados em veículos diversos, para públicos distintos. Quanto às questões desenvolvidas e anotadas ao longo de nossas releituras, seriam reorganizadas de modo a compor um artigo de caráter introdutório, que apresentasse, ainda que sem a pretensão de esgotar, alguns dos atravessamentos dos textos que considerávamos mais relevantes.

É preciso dizer que essa decisão, de certo modo, me “salvou” da situação em que eu estava enredada. Aqueles encontros tinham um sentido diferente para mim e para Valla. Para nós dois – tenho certeza também por ele – eram momentos de encontro profundamente livres, fortes, criadores. Só que ele acreditava que dali ia sair um livro e eu, embebida na aventura das nossas discussões, não conseguia materializar isso.

Escrevemos laudas e laudas a partir de nossas conversas, montamos mais de 10 roteiros, definimos o perfil de vários textos. O texto da Conversão foi escrito nesse momento, em somente três encontros, sem nenhuma dificuldade. Valla falava e eu saía escrevendo, lia para ele o que havia escrito, ele afinava alguma coisa e eu voltava a escrever, às vezes em voz alta, sílaba por sílaba, como quem lê soletrando uma frase já escrita. Tudo fluía. Era como se ele apertasse meus dedos no computador, fazendo sair as palavras certas. Outros pequenos textos, como no caso de uma entrevista sobre apoio social em saúde, também saíram assim e acho que isso me passou a ideia de que, na hora de sistematizar os textos de maior fôlego, a coisa se daria do mesmo modo.

Não se deu.

Quando, em 2008, após a Anped, passamos a nos reunir com menor regularidade – por conta do meu envolvimento com uma nova fase de seqüestro acadêmico e de um novo momento de saúde enfrentado por Valla – e decidimos que era mais do que hora de concluir o livro para publicação, ao tentar trabalhar sobre o grande volume de anotações que tínhamos feito, para fechar o artigo inicial, percebi que caminhava desnorteadamente e não conseguia fechar nada do que havia iniciado.

Diferentemente do que havia ocorrido nos momentos em que tínhamos de fato escrito juntos, o que eu escrevia então, com dificuldades, não mais parecia ser fiel ao tom, às ênfases e à densa simplicidade de Valla. Era como se antes ele apertasse de fato meus dedos nas teclas do computador e, agora, isso não acontecesse mais.

Por vários meses, fui aos encontros com Valla sem ter o que apresentar. Ia apenas para dizer que não estava conseguindo. Ele desejava muito o livro, eu

queria muito fazê-lo, mas eu não conseguia. Ficava horas sobre um mesmo texto para não sair uma linha aproveitável. Pedia a ele para entregar a outra pessoa que, mais distanciada, talvez conseguisse retomar aquelas anotações caóticas, dar alguma ordem àquilo. Ora ele dizia que não, ora ele concordava, mas, dois ou três dias depois, às vezes uma semana, me ligava e perguntava, com sua alegria desconcertante: Então, vamos retomar o “nosso” livro?

Com a inestimável ajuda de Kitta Eitler e de Maria Beatriz Guimarães, foi possível enfim avançar na organização dos originais do livro, que dentro de pouco tempo será publicado. Mas não a tempo de festejarmos isso com Valla.

Pelas mãos de Valla

Há uma observação que eu gostaria de fazer sobre a diferenciação feita por Valla entre os estudos sobre a pobreza e os estudos sobre os pobres. Essa era uma questão central para Valla e, nos três anos que se seguiram à decisão de fazer um novo livro, ele falou insistentemente nisso, refinando uma ideia que, por fim, se tornou absolutamente clara: para ele, os estudos sobre a pobreza eram fundamentais, mas, no limite, eram estudos econômicos ou sociológicos que enfatizavam os contextos, as situações, as estruturas, e não as pessoas. Ele queria discutir a pobreza a partir das pessoas, da sua consideração como sujeitos e, portanto, não apenas como aqueles que “sofrem” os efeitos de uma situação econômico-social, mas como aqueles que vivem essa situação e se auto-produzem nela, dialogando com ela a cada dia, interpelando-a e produzindo respostas, ainda que nossos olhos e ouvidos não consigam apreender os conteúdos profundos dessas movimentações, seu caráter de ação e de resposta, de tentativa de afirmação de sentidos diversos dos instituídos, de indicação de projetos.

Valla entendia que era preciso levar às últimas conseqüências a necessidade de conhecimento das especificidades dos pobres; de reconhecimento da insuficiência das nossas formulações sobre direitos para dar conta dessas especificidades; de conseqüente reconhecimento da legitimidade do ponto de vista do pobre, de modo que esta se tornasse a principal referência na recomposição das questões sobre direitos a serem enfrentadas. Só esses deslocamentos, essa conversão, nos tiraria do círculo vicioso de pensar o público a partir de nossa particular e preservada posição no mundo. Só esses deslocamentos produziriam respostas válidas.

Nesse movimento, creio que, muito frequentemente, Valla radicalizou a ideia de que só junto ao outro seria possível dar curso a novos modos de ser e de

compreender. Exercitou esse modo de ser, de pensar e de agir, em todas as suas relações. Por suas mãos, as relações pessoais, políticas, acadêmicas, tornavam-se sempre oportunidade de agregação, em direção a algo maior do que as individualidades ali envolvidas.

Esse foi também o sentido dado por Valla à aventura de escrita de “um livro a quatro mãos”, uma aventura que pôs de ponta-cabeça tudo o que eu, até então, entendia por “co-autoria”, me fazendo buscar apaixonadamente um modo de falar que estivesse além de mim, uma palavra comum, sem proprietário, capaz de expor uma história e uma experiência humana que, em tudo, me excediam.

VICTOR VALLA E O MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Eymard Mourão Vasconcelos¹

Victor Valla foi um personagem central no processo de organização do movimento da educação popular em saúde no Brasil. Este movimento foi também central na vida de Victor. Seus militantes e lideranças eram a principal turma com quem ele convivia em sua vida profissional.

Na década de 1960, a educação popular se constituiu e se expandiu, na América Latina, como projeto político e pedagógico e como movimento cultural, tendo Paulo Freire como pioneiro em sua sistematização teórica. Inicia-se no campo da educação de adultos, mas logo passa a ser aplicada em outros campos de prática social. Victor Valla chegou ao Brasil em 1964 e, logo, começou a participar deste movimento cultural, político e pedagógico.

Toda a produção profissional de Victor Valla está marcada, de um lado, pelo gigantesco vínculo que criou com a pobreza no Brasil e, de outro lado, por seu estranhamento, como estrangeiro, intelectual e trabalhador social, com os modos de viver presentes entre os pobres. Forte vínculo e estranhamento geraram intensa inquietude e pesquisa. A educação popular o foi eixo orientador de seu engajamento.

Em entrevista publicada na Revista Trabalho, Educação e Saúde (VASCONCELOS, 2005), Valla afirmou que, quando chegou ao Brasil como missionário católico, em 1964, ficou extremamente abismado com a pobreza. “Acreditava que, se eu não podia fazer nada, podia pelo menos conviver com o problema” (p.228-9). Mobilizado com a pobreza e dela se aproximando muito, começou, aos poucos, se aproximar também de pessoas da esquerda. Diferentemente, de muitos missionários estrangeiros desta época, não foi morar entre os pobres. Dedicou-se também à aproximação com as instituições públicas, assistenciais e acadêmicas, dedicadas a questão social. Com sua mente de estrangeiro, estranhou estes dois universos e passou a investir na busca de esclarecimentos de facetas das freqüentes incompreensões com que deparava entre intelectuais e trabalhadores sociais a respeito da vida dos pobres, principalmente aqueles vivendo na periferia dos grandes centros urbanos. A partir daí, se dedicou a estudar diferentes aspectos da cultura popular que geram incompreensões.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Projeto de Extensão Educação Popular e a Atenção à Saúde da Família da Universidade Federal da Paraíba.

No setor saúde, a educação popular só chegou de forma significativa na década de 1970. Nesta época, muitos profissionais de saúde se envolveram no movimento de luta contra a ditadura militar, implantada no Brasil em 1964. Sem espaço de trabalho criativo e crítico nas instituições oficiais de saúde, públicas ou privadas, centenas deles passaram a se dirigir para as periferias urbanas e rurais, se engajando em trabalhos sociais voltados para a organização e educação da população, com a perspectiva de criação de um movimento de resistência às opressões políticas e econômicas que sempre marcaram a sociedade brasileira, mas que estavam enormemente ampliadas naquele momento. As igrejas cristãs, com suas pastorais e atividades sociais, foram muito importantes no acolhimento e orientação destes profissionais de saúde. A maior parte das outras instituições que atuavam criticamente junto às classes populares havia sido destruída ou esvaziada pela repressão política da ditadura. Assim, até mesmo profissionais de saúde ateus ou de diferentes religiões se integraram nas atividades pastorais destas igrejas em que a perspectiva da teologia da libertação era dominante. Nestas atividades pastorais, a educação popular era uma referência central. Assim, muitos profissionais de saúde se aproximaram e se aperfeiçoaram em educação popular.

Em vários recantos do Brasil, começaram a surgir inúmeras experiências de saúde comunitária orientadas pela educação popular. Inicialmente, estas experiências estavam mais voltadas para o fortalecimento do movimento político e cultural de resistência contra a opressão política e econômica exacerbada pela ditadura militar. A discussão e enfrentamento dos problemas de saúde eram vistos principalmente como estratégias de organização popular para esta luta mais ampla. Mas, os profissionais de saúde passaram a se encantar também com a potência e criatividade das práticas de saúde que começaram a ser construídas de forma dialogada com a população. Começaram a surgir modos de enfrentamento dos problemas de saúde que mostravam uma surpreendente capacidade de promover a saúde de uma maneira ainda não conhecida na tradição da saúde pública e das várias profissões de saúde, que sempre viram a população como uma massa de carentes que precisava ser ensinada e transformada a partir do saber técnico. Eram práticas extremamente participativas e que contemplavam dimensões e necessidades desprezadas pela medicina oficial. Resultavam em mobilizações comunitárias e movimentos que enfrentavam dimensões coletivas do processo de adoecimento ainda não conhecidas. Formavam pessoas e grupos extremamente ativos e altivos, protagonistas de um modo de ser saudável ainda não vislumbrado pela medicina.

Estas experiências de saúde comunitárias orientadas pela educação popular

passaram a ser organizadas, na década de 1980, pelo Movimento Popular de Saúde, o MOPS. Elas foram fundamentais para a formação de lideranças e de referências teóricas e práticas para o Movimento de Reforma Sanitária que lutou pela mudança do sistema de saúde brasileiro e gerou a criação do Sistema Único de Saúde através da Constituição de 1988.

Com o processo de democratização do Estado brasileiro e de suas políticas sociais, muitos dos militantes envolvidos em práticas locais de saúde comunitária passaram a priorizar o trabalho nas instituições públicas, se dedicando à construção do arcabouço jurídico, técnico e administrativo do SUS. Muitos profissionais de saúde, que antes atuavam nos movimentos sociais ou nas pastorais, começaram a buscar os novos serviços básicos de saúde, expandidos pelo SUS, para criar experiências de trabalho em saúde orientadas pela participação popular. Criou-se, então, um novo contexto para a educação popular no setor saúde, deixando de ser uma prática prioritariamente ligada a grupos da sociedade civil para se tornar principalmente uma prática realizada nas instituições públicas. O MOPS deixa de ser uma forma adequada de articulação de grande parte do movimento da educação popular no campo da saúde.

A partir da década de 1990, profissionais de saúde, das instituições públicas, encantados com as potencialidades da educação popular para a promoção da saúde passaram a se organizar para ter um espaço de troca de experiência, reflexão e fortalecimento político de suas propostas. Surge, em 1991, a Articulação Nacional de Educação Popular em Saúde. Víctor Valla não participou do processo inicial de organização deste movimento, mas se engajou de forma intensa, logo depois. Seu prestígio acadêmico foi muito importante para abrir espaço nas programações dos congressos do campo da saúde pública para o debate do tema e criação de reuniões organizativas da Articulação. Suas elaboradas reflexões foram fundamentais para a criação de uma teoria da educação popular adequada para o novo contexto político e institucional em que estava sendo aplicada. Seu modo de ser alegre, amistoso e acolhedor das diferenças ajudou muito a dar um caráter fraterno e descontraído à organização do movimento. Como professor e orientador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, ajudou a formar muitas das suas atuais lideranças, que ali se qualificaram como mestres, doutores e pós-doutores. Conseguiu recursos desta instituição para publicar e divulgar nacionalmente os primeiros boletins da Articulação. Sua presença nos debates e mesas-redondas dos congressos da área de saúde coletiva ajudava a atrair grande público e a difundir a importância de valorizar

o estudo dos caminhos de relação pedagógica no trabalho em saúde. Nunca assumiu formalmente a liderança do movimento, mas sempre exerceu uma grande liderança informal nos bastidores.

A Articulação Nacional de Educação Popular e Saúde² foi progressivamente se expandindo. Em 1998, passou a se denominar Rede de Educação Popular e Saúde e conseguiu um maior suporte institucional da Fundação Oswaldo Cruz. A partir de 2002, com a eleição de Lula para a Presidência da República, a educação popular em saúde já tinha conquistado um reconhecimento importante no campo da saúde pública e conseguiu ser incluída formalmente como uma linha de atuação no Ministério da Saúde do novo governo federal. Passou a ser vista como uma estratégia de fortalecimento da gestão participativa no SUS e como instrumento de transformação das práticas de atenção à saúde no sentido de se tornarem mais adequadas às necessidades da população.

Hoje, o sistema de saúde brasileiro é reconhecido internacionalmente pelo pioneirismo na implementação de práticas participativas, coletivas e não restritas às dimensões biológicas do tratamento e da prevenção das doenças, criando formas de atenção à saúde que vão muito além da tradição da medicina e da saúde pública. A presença da educação popular nas iniciativas pioneiras que criaram as primeiras referências para sua estruturação e as pressões e buscas de novas práticas pela Rede de Educação Popular e Saúde, depois de sua implantação, tiveram importante contribuição.

Se Valla foi muito importante para a organização do movimento da educação popular em saúde, este movimento também foi importante para a sua vida profissional. Ele trabalhava na maior instituição brasileira de saúde pública, a Fundação Oswaldo Cruz, mas ainda não tinha encontrado um modo de aplicar, de forma mais orgânica, os seus estudos e reflexões pedagógicas nas principais lutas do setor. Victor Valla, que não tinha tido uma formação em uma das profissões de saúde, pôde encontrar um setor da saúde pública em que seus estudos se tornaram centrais na constituição de um campo de atuação profissional. Ele não só ensinava e teorizava, mas também aprendia com os desafios, reflexões e realidades trazidas pelos profissionais envolvidos com as práticas de educação nos serviços de saúde. Sua vida pessoal se tornou mais movimentada pelo progressivo cerco de profissionais de saúde. Ele se encantava com esta turma que passou a fazer parte de sua vida de modo tão importante. Sua relação com seus alunos e colegas

²Para maiores informações, veja o site www.edpopsaude.net

de movimento invadia sua vida pessoal. Fazia questão de levá-los para tomar as caipirinhas, que tanto gostava. Visitava-os em suas casas e convidava-os para visitá-lo. Cultivava espaços informais de relacionamento onde gostava de rir e contar piadas. Esta informalidade e espontaneidade criavam oportunidades para uma troca de saberes que ia muito além da tradição de trabalho universitário, deixando seus interlocutores muito a vontade para questionamentos o mestre e criando espaço para se conversar sobre dimensões afetivas e artísticas do trabalho em saúde. Aplicava o método da educação popular no seu trabalho de ensino acadêmico.

A partir da educação popular, a valorização da vida religiosa.

O vínculo de Valla com a pobreza sempre foi muito intenso. Diferenciava, assim, de grande número dos intelectuais de esquerda que estudam os pobres ou organizam intervenções sobre eles, sem com eles se envolverem. Mesmo quando os convites para palestras e as demandas acadêmicas por orientação, na pós-graduação, se tornaram intensos, fazia questão de manter sua rotina de visitas e trabalhos na Região da Leopoldina, no Rio de Janeiro. Esta atitude muito influenciou sua produção teórica.

Ele, nos Estados Unidos, teve uma formação familiar intensamente ligada ao catolicismo. Veio para o Brasil como missionário religioso. Mas logo se afastou totalmente do cristianismo. Passou a se considerar como ateu. Mas, os desafios de sua prática de educação popular acabaram lhe reaproximando das questões relacionadas à vida religiosa. Este aspecto de sua vida mostra a intensidade de seu aprendizado com a realidade popular.

Sua vivência constante nos bairros periféricos da Região da Leopoldina, não lhe permitia aceitar as repetidas afirmações entre os profissionais de saúde e vários cientistas sociais de que os movimentos sociais tinham se esvaziado após meados da década de 1980. Percebia, ali, a permanência de um importante dinamismo social sob novas formas. Ele se identificou muito com a afirmação de José de Souza Martins de que a propalada crise dos movimentos sociais e das iniciativas populares é, antes de tudo, uma crise de compreensão dos intelectuais e trabalhadores sociais (mesmo aqueles de esquerda) sobre o que realmente está acontecendo entre os pobres (MARTINS, 1989). Assim, a partir de meados da década de 1990, se dedicou a estudar as novas formas de organização popular. Ficou impressionado com o crescimento das igrejas evangélicas no meio popular e constatou o seu grande significado na criação de novas redes locais de solidariedade. Sua insistente afirmação sobre importância para os pobres destas redes de apoio social construídas na vida religiosa, principalmente nas igrejas pentecostais, criou um grande mal

estar no meio acadêmico em que freqüentava, pois ali predominava uma avaliação totalmente negativa sobre o seu significado político e pedagógico. Desafiado, o ateu Valla passa a estudar intensamente o movimento pentecostal. Como todos os outros estudos de sua vida, ele não se restringe à pesquisa teórica. Passa a conviver com os grupos e organizações envolvidas nestas igrejas.

Os seus textos sobre o significado do pentecostalismo para a organização social, a cultura e a saúde das classes populares tiveram uma grande repercussão no campo de pesquisa da educação popular e da saúde pública. Desencadeou o envolvimento de muitos outros pesquisadores com este tema. Eu mesmo fui realizar um estágio de pesquisa de dois anos com ele (pós-doutorado) que resultou no livro “Espiritualidade no trabalho em saúde” publicado pela Editora Hucitec em 2006. Deste estudo e pesquisa, foi criada a Rede de Estudos sobre Espiritualidade no Trabalho em Saúde e na Educação Popular³, que hoje reúne quase duas centenas de interessados e estudiosos localizados nas diversas regiões do país. Muitos congressos da área de saúde coletiva passaram a incluir este tema em suas programações. Por sua origem na educação popular, a discussão acadêmica brasileira da espiritualidade na saúde ficou muito ligada à perspectiva de emancipação política, diferentemente do que acontece na Europa e nos Estados Unidos, onde predominam os estudos quantitativos sobre a relação entre vida religiosa e as taxas de adoecimento e morte.

O mais interessante foi que estes seus estudos o levaram a uma reaproximação pessoal com o cristianismo. Valla, que passou os últimos anos de sua vida sofrendo intensas limitações trazidas por um acidente vascular hemorrágico (a forma mais grave de acidente vascular cerebral), experimentou a força das redes de apoio social das igrejas evangélicas que ele tanto tinha estudado antes. Experimentou também a força do saber de elaboração simbólica presente na vida religiosa para enfrentar a profunda crise existencial por que passou. Talvez por isto, conseguiu até a última semana de sua vida manter-se trabalhando de forma criativa e aglutinadora em seu ofício de mestre e pesquisador, apesar das intensas limitações físicas que tinha. Diariamente ia para a sua sala na Escola Nacional de Saúde Pública, acompanhado de seu cuidador.

Para se ter uma ideia do significado de Victor Valla para o campo da saúde coletiva, o Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, que aconteceu, em Recife, dois meses após a sua morte, com 7000 participantes, fez a ele duas homenagens. Em uma delas, na Tenda Paulo Freire, cerca de uma centena de participantes estiveram

³ Para maiores informações, ver o site <http://br.groups.yahoo.com/group/esp-sau-ed/>

presentes dando depoimentos, se emocionando e aplaudindo. O ponto alto foi a leitura, por Júlio Wong Un, professor do Curso de Medicina da Universidade Federal Fluminense e seu ex-orientando de mestrado e doutorado, de um texto de sua autoria. A sua fala foi interrompida várias vezes por seu choro, que se alastrou entre os participantes. Eis seu texto:

Quem foi Victor Valla e por que é tão importante para a Saúde Coletiva e para a Educação Crítica?

Total e profundamente contra-hegemônico

Lúcido... Lento

Gênio de estalos e sacações... repetitivo... engraçado... Rabugento

Mestre generoso... piadista californiano

Compreensivo, teimoso, espirituoso, boêmio

Pensador reflexivo e brilhante da Educação e da Saúde

Procurando sempre compreender a fala dos setores populares

Os caminhos aonde o povo vai, cria e sonha...Pai de muitos

Universal... focado... esperto... distraído...

Cristão, budista, marxista, botafoguense, morador do Catete, no seu amado Rio de Janeiro

Lutador e contemplativo, quieto e incansável...

Em busca do diálogo atento, freireano, cristão, humano, com as classes populares

Buscando dentro de si e dos outros o Espírito, a Iluminação, o Transcendente

Por isso e por tudo: pessoa iluminada na construção de uma Educação e uma Saúde Coletiva engajadas, utópicas, posicionadas, sem hipocrisia, sem jogo duplo, recheadas de vozes e lógicas diversas

Alquimista que transformou tudo e todos os que tocou com sua alegria, sua fê guerreira, suas sacadas surpreendentes, seu jeito “mestre zen” de ser, e seu exemplo de tenacidade e método de vida diante da adversidade.

*Victor Vincent Valla
Total e profundamente Humano
Com gratidão companheira*

REFERÊNCIA

MARTINS, José de Souza. Dilemas sobre as classes populares na idade da razão. In: Caminhada no chão da noite. São Paulo: Hucitec, 1989.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. Entrevista: Victor Valla. Trabalho, Saúde e Educação. Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.227-238, mar. 2005.

Onde há opressão, há resistência. Quase um aforismo da teoria social num meio acadêmico ainda dominado pelo positivismo, esta frase era invariavelmente uma resposta de Victor Vincent Valla à impaciência investigativa de seus alunos quando, no curso de pós-graduação em Saúde Pública, tentavam entender a dinâmica da vida das classes trabalhadoras. O alvo era, obviamente, mais amplo, pois o positivismo era também compartilhado pela vertente estrutural-funcionalista do marxismo comum à maioria da esquerda brasileira, como assinalou Jaime de Oliveira a propósito do movimento denominado “Reforma Sanitária” (Oliveira, 1988).

Com a frase, Valla pretendia chamar atenção para formas não abertas de resistência, menos visíveis e, principalmente, incompreensíveis à luz de uma compreensão da realidade fundada exclusivamente no conflito de classes.

O que acontece quando não se configura na sociedade um conflito desse tipo? Porque a luta de classes acontece, é um fenômeno histórico no qual experiências de vida de milhares de pessoas assumem se unificam por pertencimento comum a uma condição em oposição às de outras. Como assinala Edward Thompson, enquanto essa experiência é determinada, a consciência dela não:

A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entrarem voluntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. (Thompson, 1987, 10)

Luta de classes era o que estava em curso no Brasil nos anos 1959-1964, por conta da emergência das camadas mais oprimidas das classes trabalhadoras, os camponeses, a par da mobilização dos operários em defesa dos salários corroídos pela inflação decorrente do desenvolvimentismo juscelinista. Mas o golpe militar de 1º. de abril de 1964 interrompeu violentamente esse processo de politização popular. O golpe, aliás, foi apresentado por um dos ideólogos da ditadura, o chanceler Vasco Leitão da Cunha, como uma “contra-revolução preventiva” (Stotz, 1986). Não por acaso: numa sociedade na qual a propriedade privada foi erigida como “altar da pátria” (Fernandes, 2006), qualquer rebeldia social sempre foi sufocada violentamente. Apesar disso, sempre houve (e haverá) resistência. Contudo, as lutas

populares no Brasil têm assumido predominantemente um caráter isolado e voltado às questões urgentes da sobrevivência material. Daí também porque o medo e o silêncio subjazem à ambigüidade do discurso das classes populares (Valla, 1995).

Por outro lado, falar de opressão significa falar de desigualdade e de dominação não apenas em termos de classes como também de todas as estratificações sociais e culturais. Ainda que reconhecesse a opressão de gênero, de raça e de etnia, Valla procurava destacar outras, pouco referidas, como as relacionadas à escolarização, ao domínio da língua e do saber científico e técnico. Na verdade essas estratificações se sobrepunham à pobreza generalizada entre os trabalhadores, a ponto de constituir um “viés de classe”. Até hoje a escolarização da maioria da população brasileira atinge apenas o ensino fundamental; mesmo assim, com sérias deficiências que tornam notáveis – e alvo de escárnio – os tropeços e as confusões tanto gramaticais como semânticas decorrentes de um sistema de ensino-aprendizagem produtor de fracasso escolar (Valla e Hollanda, 1989).

A preocupação de Victor Valla ao longo de sua vida intelectual e política foi a de decifrar, para utilizar a linguagem clínica, os “sinais e sintomas”, da resistência cotidiana das classes trabalhadoras – por ele denominadas populares, talvez uma marca da influência da Ação Popular em sua trajetória de vida – obrigando-o a se aproximar diretamente da dinâmica da existência dessas classes.

Nesse sentido, em 1977, enquanto se dedicava à prática acadêmica, na qualidade de docente e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Fundação Getúlio Vargas (IESAE-FGV), atuava como professor de ensino supletivo numa favela em Santa Teresa e colaborava na reconstrução da Federação de Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro – FAFERJ (Valla, 1986).

Em 1984, após ter ingressado por concurso público na Escola Nacional de Saúde Pública, unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz, Valla convidou dois pesquisadores¹ para estruturar, sob a coordenação inicial dele e de Joaquim Cardoso de Melo, o projeto “Educação, Saúde e Cidadania”. O marco teórico-conceitual do projeto de cunho interdisciplinar foi assim formulado por Victor Valla num despretensioso artigo publicado na revista *Educação & Sociedade* (Valla, 1986a, 101):

¹ Maria Cecília de Souza Minayo, então pesquisadora da Federação Assistencial e Educacional (FASE) e este autor, vinculado ao Centro de Estudos de História da República/Museu da República que, por sua vez, convidaram outros para compor a equipe do projeto, a saber: Otavio Cruz Neto, Eliane Hollanda, Sandra Aparecida Venâncio de Siqueira e Maria Alice Pessanha de Carvalho.

...a teoria se constitui numa perspectiva ampla sobre a sociedade dentro da qual se pretende discutir a educação e a saúde. No caso em questão, a educação e saúde seria vista dentro de uma perspectiva teórica que inclui como variáveis as condições materiais de vida e de trabalho do grosso da população brasileira e as exigências que os capitalismo internacional e nacional fazem ao uso da verba pública brasileira. Incluídos nessa discussão teórica são aspectos tais como a saúde da população brasileira decorrendo dos baixos salários e os não ou pouco existentes serviços básicos de água, saneamento básico e transporte público; também a incapacidade política e econômica das autoridades brasileiras em orientar os gastos de verbas públicas para essas “necessidades populares”, a não ser via a pressão dos movimentos sociais organizados. Em termos gerais, essa é a discussão teórica.

Durante quatro anos, o esforço da equipe foi o de tentar lidar com esta discussão em termos de uma pesquisa “ampliada” inicialmente com o retorno dos resultados para os grupos populares interessados² e depois com a realização de oficinas de “capacitação técnica” de profissionais dos setores de educação e da saúde e de ativistas sociais. No decorrer desta prática não apenas se descobriu coletivamente a desigualdade entre saberes, mas, principalmente, a lógica diferente de sua produção (Carvalho, Acioli e Stotz, 2005).

Seria indispensável a experiência da monta do CEPEL³ para dar o “salto metodológico” da capacitação técnica para a construção compartilhada do

² A produção coletiva da equipe inicial aparece em duas coletâneas, em capítulos da publicação do Departamento de Ciências Sociais organizada por Minayo (1987) e por Costa et al (1989). Em 1988, quando da entrega do relatório final da pesquisada financiada pela FINEP, a equipe então exclusivamente coordenada por Victor Vincent Valla, estava composta apenas por Eduardo Stotz, Eliane Hollanda, Sandra Siqueira e Maria Alice de Carvalho.

³ O Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina, fundado em 1988, resultou dos vínculos criados pela equipe do projeto “Educação, Saúde e Cidadania” com a sociedade civil “de caráter popular” nesta região do município do Rio de Janeiro. Até sua extinção em 2006, teve como presidente Victor Vincent Valla. Participaram da diretoria: Debora Garcia, Lídia Lopes de Oliveira, Marcos Moreira e Eduardo Stotz. Na coordenação: Cristina Maria Eitler (Kita), Márcia Teixeira, Maria Eugênia U. Silva (Kena), em diferentes momentos; Edson Sampaio e Maria de Fátima Silva Correa (apoio administrativo); na pesquisa, Carla Moura Pereira Lima, Marize Bastos da Cunha, Denise Oliveira, Rosely Magalhães de Oliveira, Inaldo Pontes, Norton Ribeiro, Ricardo Pontes, Mariangela Carvalho, Sonia Acioli, Monica de Assis e Julio Wong Un, dentre outros.

conhecimento. Esta organização não-governamental materializou o elo da academia com a rua por meio o boletim trimestral *Se Liga no Sinal*, apropriação da ideia leninista do jornal como um “organizador coletivo” (Stotz, 2009)⁴.

No lado acadêmico, nos Cursos de Pós-Graduação em Saúde Pública, da ENSP, e em Educação, da Universidade Federal Fluminense, a relação com o mundo da rua se fazia por meio de uma tematização especificamente orientada por Valla para a compreensão dos modos como as classes populares enfrentavam suas condições de vida, sob diferentes ângulos (Oliveira, 1993; David, 1995; Peregrino, 1995; Cunha, 1995). Se a pesquisa representava o esforço de identificar os nexos entre os aspectos ressaltados pelo(a) pesquisador(a), o momento da avaliação dos resultados, a exemplo das bancas de argüição de dissertações e teses e dos encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), propiciou um diálogo sempre intenso e produtivo. Vale mencionar aqui a argüição desenvolvida pelo professor José Carlos Rodrigues, da Universidade Federal Fluminense, durante a defesa da dissertação “A vigilância epidemiológica e o controle público em tempos de SUS: a fala dos profissionais e dos usuários organizados da região da Leopoldina”, de Mary Jane de Oliveira Teixeira:

E embora muitos profissionais sejam sinceros em sua intenção de colaborar com uma participação mais efetiva e de acordo com os interesses populares, a população enxerga esses profissionais como pessoas atreladas às propostas das autoridades que não gozam de sua credibilidade. Daí, a aparente falta de interesse da população em ‘participar’. (Valla, 2004, 146)

O ambiente acadêmico neste segmento de professores e pesquisadores comprometidos em entender a dinâmica da vida das classes trabalhadoras gerou proficuas colaborações intelectuais⁵. Um exemplo interessante desta relação entre a academia e a rua mediada pela intervenção do CEPEL foi a tentativa de uma pesquisa sobre distribuição da água nas favelas do Parque Proletário da Penha com

⁴ À semelhança do periódico *Iskra* (Centelha), a pauta do boletim do CEPEL era discutida pela equipe do CEPEL com participantes de entidades populares, principalmente do grupo de mulheres Sementinha que faziam a distribuição do jornal nas favelas do Parque Proletário da Penha e, ao mesmo tempo, faziam o que na área de comunicação se denomina “estudo de recepção das mensagens” do ponto de vista de sua consonância com as dificuldades da vida das e de sua lida pelas classes populares. Foi também o processo que levou a introduzir seção “Os problemas que estão no mapa” no boletim *Se Liga no Sinal*, um diagnóstico participativo do ponto de vista popular.

⁵ Com base no Currículo Lattes de Victor Vincent Valla podemos citar em co-autorias de livros, os nomes de Eveline Algebaile, Regina Leite Garcia e Eduardo Navarro Stotz (Valla et al, 1993, 1994, 1996, 2005).

agentes locais a partir das informações da Companhia Estadual de Águas e Esgoto (CEDAE). Partindo do princípio metodológico de que o discurso das autoridades é a “fala pública”, tomou-se esta fala e os dados repassados pelos técnicos como ponto de partida da pesquisa. No caso da CEDAE, o discurso de um serviço público de padrão internacional em termos de volume e rede de ligações (90% das residências do Estado do Rio de Janeiro em 1990), não era acompanhado de dados sobre a distribuição de água nas favelas, pois a empresa se negou a entregá-los. A opinião dos estudiosos e técnicos apontava a contradição entre esta oferta formal e a realidade da distribuição, uma vez que a pressão e a qualidade da água caíam na medida em que seguia seu curso por uma rede de ligações antiga e precária. As entrevistas com os moradores davam conta de que a extensão da rede não era sinônimo de oferta de água. Um grande número de residências recebia água apenas uma vez por semana e por um período de quatro a cinco horas. Mesmo a instalação de cisternas – uma realidade metropolitana brasileira – se deparava com a questão da capacidade de “puxar água” por meio de bombas. A desigualdade social na oferta de serviços básicos e, pois, dos direitos de cidadania, evidenciava-se na realidade de um sistema paralelo, informal, organizado em torno das Comissões de Água nas favelas, pelos trabalhadores nas favelas face ao sistema oficial de oferta e a distribuição de água pela CEDAE, voltado para as classes médias e a burguesia⁶.

Tratava-se, portanto, de um estudo sobre as condições de vida vista sob o aspecto dos serviços públicos básicos no qual se enfatizava a avaliação pelos usuários. Os procedimentos metódicos adotados ajudavam a montar um quebra-cabeça⁷ a partir de “fragmentos de dados oficiais, artigos de jornais, entrevistas e conversas informais com moradores e debates com autoridades” (Valla, 1995, p.192), pois deviam considerar o caráter lacunar do conhecimento, devido a carência de dados e informações oficiais e, principalmente, o tipo de conhecimento, com o foco na eficiência e não na eficácia. Pois ao final das contas, prevalecia a orientação econômica (eficiência) ao invés do interesse social ou a satisfação do usuário (eficácia) que, aliás, deveria ser a finalidade da companhia.

Obviamente uma metodologia desta natureza era um anátema no mundo

⁶ Valla gostava de lembrar-se da recusa de uma liderança popular em acolher a sua indignação contra esse sistema desigual, pelo alerta de que uma denúncia formal por um pesquisador vinculado a uma instituição pública como a Fiocruz poderia acarretar a suspensão até mesmo da pouca água distribuída ao sistema informal.

⁷ Na tentativa de organizar quebras-cabeça desse tipo (e outros, de natureza institucional) gastamos muitas horas, entre caipirinhas e chopes, rabiscando as toalhas de papel no bar-restaurant Palácio, então situado na Rua Silveira Martins, próximo à moradia dele.

acadêmico, preso ao positivismo da “verdade” dos métodos partilhados obrigatoriamente pela comunidade de cientistas⁸. Em contrapartida, a metodologia da construção partilhada de conhecimento correspondia, na realidade de um grupo de pesquisa politicamente comprometido com o combate às desigualdades e hierarquias sociais, à visão da investigação científica do ponto de vista popular (Coraggio, 1989)

Os resultados dessa experiência de intervenção foram, de um lado, a organização do Centro de Documentação sobre condições de Vida (CED-Vida) e, de outro, dissertações de mestrado que legitimaram esses avanços do ponto de vista acadêmico e que serviram como ponto de partida para sua incorporação em outras pesquisas, nas quais se articulavam levantamentos quantitativos com qualitativos, dados oficiais e informações de moradores.

O pano de fundo destas iniciativas consistia na situação de vida das classes trabalhadoras. Ou seja, na relevância de uma análise das condições e experiências de vida (as formas de lidar com as condições e inventar soluções para superá-las) na região escolhida para expressar o Brasil urbano, a saber, a região da Leopoldina. Na medida em que se constatava o aumento do desemprego e o agravamento da pobreza e o paradoxo que o Estado cada vez menos respondia às necessidades da população, a atuação do CEPEL e a orientação acadêmica de Victor Valla convergiram para identificar e entender as formas de sobrevivência dessas classes. É quando se percebe a importância de uma série de iniciativas sociais, mesmo aquelas que gerenciavam projetos públicos, viram-se, em função de limites de pessoal e financeiro, na contingência de desenvolverem trabalhos conjuntos (Cunha e Valla, 1999). Nascia assim a ideia das redes sociais de solidariedade da Leopoldina que resultou, no final da década de 1990, na proposta da Rede de Solidariedade da Leopoldina sob iniciativa do CEPEL e apoio do Núcleo de Estudos Locais em Saúde (ELOS), da ENSP-Fiocruz.

Mas é também nesse momento em que, diante das mudanças nas relações entre Estado e mercado no sistema capitalista sob a égide de políticas neoliberais, emerge o fenômeno da religiosidade popular. As primeiras reflexões tiveram origem no Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo (ITEPA), sob a coordenação do Professor Padre Elli Benincá e da Professora Selina Maria Dal Moro, que, entre 23 e 24 de outubro de 1991, organizaram o III Fórum – Religiosidade, Saúde e

⁸A ortodoxia do método característica da ciência normal (Kuhn) tem levado alguns pareceristas de periódicos acadêmicos com conselho editorial a recusar propostas de artigos porque seus autores emitem opiniões ou adotam um estilo “literário”.

Educação Popular no processo de urbanização. Mais tarde, sob o impacto da segunda onda neoliberal no Estado brasileiro (governo Fernando Henrique Cardoso) que redundou numa retração brutal do mercado de trabalho formal e na extensão da violência social, a religiosidade aparece (inquietante fenômeno de massa) como a outra face da individualização das relações sociais e de fragmentação da ação coletiva.

O espaço acadêmico, mais concretamente, o curso de pós-graduação stricto sensu em Saúde Pública, na sub-área de Endemias, Ambiente e Sociedade, propiciou uma intensa reflexão sobre este fenômeno, com a inclusão de leituras e de experiências das diferentes denominações religiosas (católica popular, candomblé, evangélica pentecostal, espírita) sobre o processo de saúde, adoecimento e cura. Por outro lado, era fundamental entender as determinações desse processo, no nível nacional e internacional e avaliar as respostas do estado e da sociedade civil. Foi com esse intuito que organizamos, Vitor Valla e eu, duas disciplinas no âmbito da sub-área da pós-graduação, a saber: Tópicos Especiais em Endemias, Ambiente e Sociedade I, oferecida a partir do segundo semestre de 1997 e Leituras em Endemias e Controle Público, a partir do primeiro semestre de 1998, sucessivamente, até 2001.

No desenvolvimento dessa reflexão Valla assinalou o paradoxo de que, numa situação de agravamento da miséria sem perspectivas de melhoria, a religiosidade associada ao pentecostalismo fortalecia o sentimento de superioridade espiritual, de um povo “vencedor num mundo hostil” (Valla, 1995, p. 190). Ao criticar o ponto de vista tradicional da religião como ópio do povo e da manipulação popular pela ideologia da prosperidade religiosa, particularmente evidente no caso da Igreja Universal do Reino de Deus, ele abriu uma polêmica com o marxismo e, no sentido mais amplo, com o pensamento secularizado no meio científico.

Contudo a referência utilizada na transcrição de Marilena Chauí, um texto de Marx, já deixa claro que é um “ópio” entendido como lenitivo, o coração de um mundo sem coração, isto é, um mundo de relações impessoais, de compra e venda de mercadorias mediadas pelo dinheiro cujo aumento aparece como um fim em si mesmo.

‘A miséria da religião é, ao mesmo tempo, expressão e protesto contra a miséria real. É o lamento da criatura oprimida, coração de um mundo sem coração, alma de uma condição desalmada (...) Assim, a crítica do paraíso transforma-se em crítica da terra, a crítica da religião em crítica da lei, a crítica da religião em crítica da política’. A liberação contra o consolo religioso é tarefa da história, crítica das

ilusões, pois se a ‘religião é visão invertida do mundo, é porque esta sociedade, este Estado são o mundo invertido’. (Chauí, 2003, p.79)

Outro aspecto fundamental para entender a experiência e o pensamento da maioria da população é a percepção do tempo, afirmava Valla nas pegadas de José de Souza Martins. Partindo do pressuposto de que a existência social do operário e do camponês é diferenciada pela natureza do vínculo às relações sociais capitalistas, de subordinação direta num caso e indireta noutra, a “percepção do tempo”, ou seja, a consciência social também o é. Cita Martins (1989, p.108): “Há coisas que um camponês, que está sendo expropriado, pode ver e que um operário não vê. E vice-versa”. Contudo, na medida em que a análise se baseia exclusivamente na dinâmica do capitalismo e nas relações de expropriação direta da força de trabalho, “o agente ativo da História acaba sendo o capital e não o trabalhador” – escreve Valla (1995), baseado na leitura do sociólogo brasileiro.

Cabe aqui uma ressalva. De fato é assim que Lênin raciocinava? Em apoio a tal tese, cita a seguinte declaração do revolucionário russo:

...o real não é o que os camponeses pensam (...) e sim o que depreendem das relações econômicas da atual sociedade (Lênin, 1980, p.83). (Valla, 1995, p.183)

O Programa agrário da social-democracia é uma revisão das posições do partido em 1908, com edição de 1917. Na página 277 da edição mexicana das obras completas de Lênin, fica evidente, no que diz respeito à nacionalização da terra, ser uma conquista da luta dos camponeses no decurso da revolução de 1905. Contudo, qual é o entendimento do conceito teórico de nacionalização da terra, em torno do qual aparentemente todos, populistas, social-democratas e inclusive os camponeses estavam de acordo?

La masa del campesinato exige la tierra de modo espontáneo, pues se halla oprimida por los latifundios feudales, y no vincula el traspaso de la tierra al pueblo con ninguna idea económica siquiera algo definida (Lenin, 1975, 282).

Então se percebe o caráter do debate com populistas russos a respeito da nacionalização da terra. Vale transcrever o trecho completo:

Por consiguiente, el concepto de nacionalización de La tierra, reducido a los términos de una realidad económica es una categoría de la sociedad mercantil y capitalista. Lo real en este concepto nos es lo que os campesinos piensen o que los populistas digan, sino lo que se desprende de las relaciones económicas de la sociedad actual. Bajo las relaciones

capitalistas, la nacionalización de la tierra es la transferencia de la renta al Estado, ni más ni menos. Y qué es la renta en la sociedad capitalista? No es un ingreso que proviene de la tierra en general. Es esa parte de la plusvalía que resta una vez descontada la ganancia media del capital (...) (Lenin, 1975, 284).

A importância desta reflexão nos remete, contudo, à percepção do tempo diferenciada entre operário e camponês⁹ e, por extensão dos trabalhadores autônomos no meio urbano:

O que está implícito nessa discussão é a percepção de que a forma do trabalhador exprimir sua visão de mundo e sua concepção de história e da sociedade em que vive está estreitamente relacionada com a maneira com que se relaciona com o capital: de uma forma dinâmica ou de uma forma indireta e oscilante. (Valla, 1995, p.183-4)

A escolha de estudar o segundo segmento social, ou seja, o dos trabalhadores indiretamente vinculados às relações sociais capitalistas, além de ser uma opção pessoal, decorreu também de circunstâncias institucionais da pesquisa na Escola Nacional de Saúde Pública.

A relevância da cultura das ‘classes subalternas’ assinalada por José de Souza Martins abre um capítulo de pesquisa sobre a cultura popular na qual a religiosidade aparece como elemento estruturante. Valla assumiu para si a ideia de Martins da cultura popular como “conhecimento acumulado, sistematizado, interpretativo e explicativo...teoria imediata” (Valla, 1995, p.186). Suas leituras sinalizam a contradição e a ambigüidade características dessa cultura, como não poderia deixar de ser em virtude de sua inserção e subordinação à ideologia burguesa no mundo regido pela lógica do capital. A propósito, cita Tilman Evers que observa, nesta cultura,

...o ajustamento aos valores dominantes e sua rejeição; interpretações lúcidas combinam-se com ilusões aparentemente alienadas. (Valla, 1995, p. 186)

O sentido político dessa relevância da cultura popular é formulado nos termos de uma nova sociedade civil “de massas” que poderia emergir no contexto de crise do papel provedor do Estado (Valla, 1995, p. 187).

Contudo, não foi o que aconteceu dada conjuntura da época. As lutas sociais de caráter econômico foram bloqueadas pelo plano de estabilização econômica que havia debelado a inflação crônica de nossa economia e o Estado deixou de ser o

referente das demandas sociais, pela ênfase dada às forças do mercado, com ampla privatização de empresas e desregulamentação. A delegação da vontade popular por meio do voto ao governo de Fernando Henrique Cardoso sob esses pressupostos de uma “paz social sem voz” tornou-se o sinônimo de participação política.

A possibilidade do nascimento de uma sociedade civil “de massas” se apresentou apenas em 2002, quando da eleição do governo de Luís Inácio Lula da Silva. Com essa perspectiva em mente, em março de 2003, quando a Rede de Educação Popular e Saúde tomou a decisão de participar do Ministério da Saúde do novo governo, Valla propôs a transformação desta entidade numa espécie de Ouvidoria Coletiva da população, dando destaque, ao lado da participação dos movimentos sociais, ao que ele denominou de “práticas de saúde”, por referência às iniciativas sociais que haviam sido identificadas pelo CEPEL em 1996. Mas a frustração dessa tentativa levou à proposta da Ouvidoria Coletiva como método de pesquisa-ação popular na região da Leopoldina, numa experiência na qual ele pode participar, apesar das sequelas do acidente vascular cerebral sofrido em 2001. A proposta e a experiência foram agraciadas com o prêmio Antonio Sérgio Arouca de gestão estratégica e participativa (Guimarães et al, 2007). A proposta continua no Projeto “Cidades Saudáveis: Vigilância civil da saúde na atenção básica: uma proposta de ouvidoria coletiva em Itaboraí, Rio de Janeiro.(2007-...)”, sob a coordenação de Eduardo Stotz e Carla Moura Lima.

Nos últimos anos, Valla dedicou-se a pensar o sentido da conversão religiosa (Vasconcelos, Algebaile, Valla, 2009). Mas, paradoxalmente, perguntava-se mais sobre as motivações de intelectuais, de pesquisadores e de profissionais de saúde, como ele próprio, e não propriamente das pessoas do povo. A verdadeira conversão, dizia, não era religiosa, mas à pobreza ou, melhor, ao elemento fundamental do sentido da pobreza. Dirigia-se aquelas pessoas das classes médias com o intuito de chamar atenção para a motivação fundamental das classes populares, marcadas pela opressão social: a busca da justiça.

Victor Valla não era marxista, apesar de suas bases teóricas assentarem-se, como vimos, no pensamento de Marx por meio de suas leituras de Marilena Chauí, Lúcio Kowarick e José de Souza Martins; aliás, não era “ista” de nenhuma espécie. Heterodoxo, tinha, contudo, uma filiação de esquerda. Considerava-se um herdeiro da tradição “radical” da esquerda americana, na qual a ideia da igualdade entre todos os cidadãos era garantida pela justiça comum ao alcance de todos. Fazia sua leitura baseado nesta visão de mundo que sabia estar “ultrapassada” do ponto de vista dominante. Não se deprimia, nem se amargurava. Ironizava: não era a hora de

revirar a lata de lixo da história, a procura de seus tesouros perdidos?

Voltemos à questão da justiça. Valla apreciava muito a reflexão de Marilena Chauí sobre a cultura popular (uma paráfrase, um eco de Walter Benjamin) por trazer esse significado fundamental:

Como expressão dos vencidos até agora, a cultura popular é também a memória da alternativa... uma exigência, sempre postergada e longínqua, da realização de justiça. (Valla, 1995, 186)

Ele próprio era tocado, às vezes, por uma ira quase “sagrada” contra a injustiça e a humilhação social. Após o inevitável desgaste pessoal desta atitude em algumas situações, fazia troça da permanência, dentro de si, daquele jovem missionário americano aportado em terras brasileiras nos idos de 1964. Justice and honour, repetia, com humor. Um lema que poderia, do ponto de vista cultural, ser traduzido como justiça e dignidade, fortalecido, ao final da vida, pela sua adesão ao “budismo engajado” e ao “cristianismo primitivo”, no mais completo ecumenismo religioso de que tenho notícia.

Membros da Rede de Educação Popular e Saúde, muitos de nós tivemos a oportunidade de conviver com ele e perceber a peculiaridade de seu modo de pensar e agir. Homem lento no sentido atribuído por Milton Santos, Valla fazia muitas vezes percursos mentais e discussões em torno de uma única questão, apreciada, porém, sob um novo aspecto. O pensamento em espiral permitia-lhe ‘revisitar’ constantemente a teoria sobre capitalismo periférico e o papel do Estado no Brasil, construída nos anos 1970, retomando até mesmo contribuições deixadas de lado na primeira leitura. Mas tal modo de pensar estava aberto a uma constelação abrangente de interlocuções que ia do popular ao acadêmico, passando pela religiosidade, a participação política e as conversas com Kita, a companheira de vida e de trabalho, e com os amigos.

REFERÊNCIAS

Bourdieu, Pierre. O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

Carvalho, Maria Alice Pessanha de; Acioli, Sonia; Stotz, Eduardo Navarro. 2001. O processo de construção compartilhada do conhecimento: uma experiência de investigação científica do ponto de vista popular. In: Eymard Mourão Vasconcelos (org.). A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de Educação Popular e

Saúde. São Paulo: Hucitec. pp. 101-114.

Coraggio, Jose Luís. 1989. Pesquisa urbana e projeto popular. Espaço e Debates, 26: 23-29.

Costa, Nilson do Rosário; Ramos, Célia Leitão; Minayo, Maria Cecília de Souza; Stotz, Eduardo Navarro (orgs.). 1989. Demandas populares, políticas públicas e saúde. Vol II – Movimentos sociais e cidadania. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Abrasco. 184 p.

Chauí, Marilena. 2003. Cultura e democracia. 10ª edição. São Paulo, Cortez.

Cunha, Marize. 1995. Parque Proletário, Grotão e outras moradas: saber e história nas favelas da Penha. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, . Orientador: Victor Vincent Valla.

Cunha, Marize Bastos da; Valla, Victor Vincent (orgs.) 1999. Conhecendo a região da Leopoldina: algumas iniciativas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz/CEPEL. 112 p.

David, Helena Maria Scherlowski Leal. 1995. Informação em saúde e diversidade cultural entre grupos sociais: o caso de Petrópolis. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública. Orientador: Victor Vincent Valla.

Fernandes, Florestan. 2006. A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. 5a ed. São Paulo: Globo.

Fonseca, Lana Claudia de Souza. 1999. Religião popular e saúde no cotidiano das classes subalternas. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense. Orientador: Victor Vincent Valla.

Guimarães, M. B. L.; Lima, C. M. P. ; Savi, E. ; Cardoso, E. ; Valla, V. V. Stotz, E.N.; Lacerda, A.; Santos, M. S. 2007. Os impasses da pobreza absoluta. In: Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde. (Org.). Prêmio Sérgio Arouca de Gestão Participativa - Trabalhos Premiados e Menções Honrosas - Resumos. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, p. 52-56.

Lênin, V. I. El programa agrário de La socialdemocracia em la primera revolución rusa de 1905-1907. In: Obras completas, tomo 13. México, DF: Ediciones Salvador

Allende.

Lessa, Cristiane Fiaux. 2008. A prática religiosa e a questão social: considerações sobre condições de vida e saúde na visão dos pastores e fiéis pertencentes à denominação metodista. 2008. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Ciências) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Victor Vincent Valla.

Lima, Carla Moura e Valla, Victor Vincent, 2003. Conhecendo a região da Leopoldina: religiosidade popular e saúde. Rio de Janeiro: ENSP. Série Cadernos de Assessoria Popular.

Martins, José de Souza. 1989. Dilemas sobre as classes subalternas na idade da razão. In; Caminhada no chão da noite. São Paulo: Hucitec.

Minayo, Maria Cecília de Souza. 1988. Saúde-doença: uma concepção popular da etiologia. Cadernos de Saúde Pública, v.4, n.4, 363-381.

Oliveira, Jaime A de. 1988. A Saúde Pública hoje: notas para um debate sobre a conjuntura em saúde e a situação da ENSP no seu interior. Cadernos de Saúde Pública, v.4, n.3, 326-333.

Oliveira, Rosely Magalhães de. 1993. A distribuição desigual dos serviços de água e esgoto no município do Rio de Janeiro: os casos da Penha e Ramos. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública. Orientador: Victor Vincent Valla.

Peregrino, Mônica. 1995. Sobre a ciência dos homens comuns: viv~encia e reelaboração na produção do subalterno. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense. Orientador: Victor Vincent Valla.

Pietrukowicz, Marcia C. Leal C. 2001. Apoio social e religião: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde. 2001. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, . Orientador: Victor Vincent Valla.

Stotz, Eduardo Navarro. 1986. As faces do moderno Leviatã: ideologia, poder político e classes sociais no regime militar: 1964-73... In: Maria Amélia Mello

(org.) 20 anos de resistência: alternativas da cultura no regime militar. Rio de Janeiro: Espaço & Tempo. P.13-28.

Stotz, Eduardo N. 2009. Entre a academia e a rua: Victor Vincent Valla (1937-2009). Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v. 13, n. 31 (no prelo).

Teixeira, Mary Jane de Oliveira. 1994. A vigilância epidemiológica e o movimento popular de saúde na AP 3.1: controle social versus controle público. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública. Orientador: Victor Vincent Valla.

Thompson, Edward P. 1987. A formação da classe operária inglesa. v. 1. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Valla, Victor V. 1986. Apresentação. In. Victor Vincent Valla (org.) Educação e favela. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Abrasco. Pp11-14.

Valla, Victor V. 1986a. Algumas considerações em torno da questão metodológica do trabalho interdisciplinar. Educação & Sociedade, v. 8, n. 24, 99-103.

Valla, Victor V. 1995. Participação popular e informação numa conjuntura de nova ordem mundial. In: Francisco.J. Mercado Martínez e Leticia Robles Silva (comp.) La medicina AL final Del milênio: realidades y projectos em La sociedade occidental. Guadalajara, Mexico: Universida de Guadalajara, Asociación Latinoamericana de Medicina Social. Pp.181-199.

Valla, Victor V., 1995a. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. Educação & Realidade, 21, n. 2: 177-180.

Valla, 1998. Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. Cadernos de Saúde Pública, vol.14 suppl.2 Rio de Janeiro 1998.

Valla, Victor V. 2002. Pobreza, emoção e saúde: uma discussão sobre pentecostalismo e saúde no Brasil. Revista Brasileira de Educação, v. 19, p 63-75.

Valla, Victor V, 2004. Educação e saúde do ponto de vista popular: procurando

compreender a fala das classes populares. In: Jether P Ramalho e Maria Helena Arrochellas (orgs.) Desenvolvimento, subsistência e trabalho informal no Brasil. São Paulo, Cortez; Petrópolis,RJ: Centro Alceu Amoroso Lima.

Valla, Victor V.; Garcia, Regina. L. 1996. A Fala dos Excluídos. In: Victor Vincent Valla. (Org.). A fala dos excluídos. Campinas: Papirus.

Valla, Victor V e Hollanda, Eliane. 1989. Fracasso escolar, saúde e cidadania. In: Nilson do Rosário Costa et al. Demandas populares, políticas públicas e saúde. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro, Abrasco. PP 103-143.

Valla, Victor V; Guimarães, Maria Beatriz; Lacerda, Alda. 2006. A busca da saúde integral por meio do trabalho pastoral e dos agentes comunitários numa favela do Rio de Janeiro. *Ciencias Sociales y Religión, Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v.8, n.8, 139-154,

Valla, Victor V e Stotz, Eduardo N (orgs.). 1993. Participação popular, educação e saúde: teoria e prática. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 164 p.

Valla, Victor V e Stotz, Eduardo N (orgs.). Educação, Saúde e Cidadania. Petrópolis: Vozes, 1994.

Valla, Victor V; Stotz, Eduardo N; Algebaile, Eveline (orgs.). 2005. Para compreender a pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto: Escola Nacional de Saúde Pública. 160 p.

Vasconcelos, Eymard M; Algebaile, Eveline; Valla, Victor V. 2008. Victor Vincent Valla: pioneiro da pesquisa e formação acadêmica no campo da educação popular e saúde. *Revista de Atenção Primária à Saúde*, v. 11, n.3, 326-333.

Valla,

Quando li a mensagem da Teresa anunciando seu falecimento na noite de ontem¹, o tempo parou. Em câmara lenta, desde esta madrugada, a memória reconduziu-me a vivências intensas. Uma mudança radical em meu modo de ver e viver se operou, durante o inerte movimento de comprar passagem, preparar a mochila, tomar avião e táxi, chegar depois do meio dia ao Cemitério São João Batista, encontrar pessoas amigas ou desconhecidas, acompanhar o féretro por uma estreita e ascendente alameda até a lápide 735, de onde se pode desfrutar uma esplendente vista da cidade do Rio de Janeiro. Foi precisamente esta observação, verbalizada por alguém no cortejo, que catalisou minha mudança de percepção: “é uma paisagem belíssima – refleti – mas o Valla só poderá agora apreciá-la através do olhar de seus amigos, que vierem visitá-lo”.

Compreendi também, Valla, que a morte não é mais do que uma passagem. A mudança de um estado corporal de vida para a outra dimensão da vida, eminentemente espiritual. No primeiro estado, com corpo em vida, pudemos compartilhar momentos de viagens, conversas, caminhadas, refeições, repouso, escrita, leitura... Quando, nesta convivência, desfrutamos risos e choros, sonhos e realizações, pensamentos e decisões, tivemos a oportunidade de ir tecendo a rede de relações que hoje nos mantém coligados. A “estrutura que coliga” é chamada por Bateson de “mente” ou “espírito”. Hoje, não mais posso fruir sua presença, seu jeito manso de falar, seus risos de humor fino, seu caminhar lento, seus gostos pela comida em botequins tradicionais Mas permanece a possibilidade de continuar experimentando, talvez de maneira mais íntima e profunda, as conexões mentais, espirituais, que nos fazem viver, humanamente. Nesta dimensão, Valla, a gente se faz eterno, não extensivamente, com o prolongar do tempo, mas na intensidade da vida que eclode em cada encontro.

Quero hoje comemorar, lembrar com você, Valla, momentos significativos de nossa convivência. Ao escrevê-los, desejo alimentar a conexão vital com você e com a rede de pessoas que, na leitura, poderão fertilizar a alegria de viver e de trabalhar, que estamos compartilhando. Este escrito registra uma convivência singular, minha. Mas as leitoras e os leitores poderão tecer uma trama caleidoscópica

de novos significados que nos conectam mentalmente, de modo fractal e indizível, mas não menos denso e real.

Valla, você lembra do nosso primeiro contato? Foi quando recebi seu convite, encaminhado pela Escola Nacional de Saúde Pública, da Fiocruz, em 1990, a realizar um encontro de assessoria sobre o “saber e poder na educação”. Foi a partir deste encontro que tomou corpo minha “busca de compreender e promover práticas crítico-participativas na educação escolar e popular”. Foi aí que conheci seu grupo de pesquisa, o Núcleo de Educação, Saúde e Cidadania, e o Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina (CEPEL)² que vocês fundaram.

Seguindo sua sugestão, participei da Reunião da ANPEd que se realizou em São Paulo em 1991. Conheci, nesta ocasião, o pequeno grupo de trabalho “Educação Popular”. Assumi junto a questão: “até que ponto nos limitamos a reproduzir conhecimento científico, desprezando os processos de produção do saber presente na prática social?” Decidimos buscar construir o conhecimento tomando como base a relação com a experiência dos movimentos populares. Entusiasmei-me com o clima fraterno e crítico que você inspirava nesse grupo. Criei um vínculo, que me manteve assíduo, em todas as reuniões anuais seguintes, já em Caxambu.

Com você, Valla, aprofundi a parceria em debates que foram determinantes em nossa compreensão dos desafios da educação popular, particularmente na conjuntura social e política do início dos anos 1990. Os movimentos sociais e as práticas de educação popular já tinham superado as lutas de resistência à ditadura e de democratização do Estado, das décadas precedentes. Na nova década, movimentos populares encontravam-se na condição de interlocutores com governos locais que representavam, em princípio, seus interesses. O cenário do período ditatorial havia mudado. Nesse contexto, as lutas sociais de oposição, ou de conquista das instâncias institucionais, haviam enfatizado a unidade dos movimentos sociais contra um inimigo comum. E deixaram a nostalgia de uma certa uniformidade e homogeneidade que nunca existiram nos movimentos populares. Com a redemocratização do Estado, as estratégias uniformizantes demonstravam-se insuficientes para articular os múltiplos interesses e a diversidade cultural emergentes nos movimentos sociais. Novas categorias precisavam ser elaboradas para se compreender o que as classes populares estavam dizendo através de seus novos e múltiplos movimentos.

O Grupo de Trabalho Educação Popular da ANPEd reconfigurou sua vida durante o período de sua coordenação (1991-1993). Superou sua crise de identidade. Nessa época, este grupo era visto como uma simples “porta de entrada na ANPEd”.

Por focalizar uma temática ampla e sem delimitações rígidas, vários pesquisadores e pesquisadoras inscreviam inicialmente seus primeiros trabalhos neste GT, para depois se vincularem a outros grupos com temáticas mais delimitadas. Na sua gestão, o GT 06 foi ganhando personalidade e definindo seu foco de debate. De modo particular, decidimos estudar a questão metodológica em Educação Popular. Este debate apontou para uma dimensão mais profunda dos problemas vividos nas práticas de mediação entre as instituições do Estado e os movimentos populares. Aprendemos que as dificuldades de compreensão recíproca não decorrem apenas de problemas metodológicos, mas do próprio estatuto epistemológico das ciências e dos saberes populares, assim como da configuração das relações de poder que se tecem dinamicamente na sociedade como um todo. Na conjuntura política daquele período, esboroava-se o mito do governo centralizado a partir de um projeto único de sociedade (com a queda do Muro de Berlim). Da mesma forma, em nível de elaboração científica, o modelo hegemônico de ciência estava sendo colocado em cheque pela multiplicidade e vitalidade de saberes que circulam na sociedade. Esta rede de saberes interage de modo conflituoso na constituição dos discursos de verdade. Se o Estado parecia não mais ser o ponto privilegiado para gerir a sociedade, a Ciência estava sendo questionada como ponto de vista privilegiado para compreender a pluralidade dos conhecimentos produzidos socialmente.

Tivemos momentos difíceis para manter o GT 06. Lembro de 1994, quando estive na coordenação do grupo. Na reunião desse ano, aceitei para debate na reunião do grupo um trabalho recusado (injustamente, a nosso ver) pelo Comitê Científico. Por sorte e após um árduo debate, a assembléia geral da ANPED refutou a proposta, apresentada pelo comitê científico, de dissolução do nosso GT. Você não estranha, Valla, estes dispositivos de seleção e sujeição que atravessam nossas associações acadêmicas? Excluem não apenas os movimentos e saberes populares. Cerceiam e excluem também os intelectuais que com eles dialogam!

Com o encontro intermediário, realizado em Florianópolis no mesmo ano, o grupo se fortaleceu. Lembro, Valla, que o debate sobre a questão epistemológica tomou rumo nas reuniões anuais seguintes. Você colocou em discussão “a dificuldade que os profissionais e intelectuais têm de compreender o que as classes populares estão querendo lhes dizer”. Para você, esta dificuldade está relacionada com o preconceito de que as pessoas “humildes, pobres, moradoras da periferia” sejam incapazes de produzir um conhecimento válido e tomar iniciativas coerentes. E também decorre da desconsideração da diversidade dos grupos sociais, constituída a partir de diferentes raízes culturais e contextos sociais. Você questionou

veementemente a pressuposição de que “as ideias de uma época teriam sua origem com as elites, as classes superiores, e que, em sua difusão, chegariam às classes subalternas de uma forma mecânica, sofrendo deterioração e sendo deformadas na medida em que seriam assimiladas pelas classes subalternas”. Você considerou que “a cultura popular deve ser pensada como cultura, como conhecimento acumulado, sistematizado, interpretativo e explicativo”³, e não como “cultura barbarizada, forma decaída da cultura hegemônica, mera e pobre expressão do particular”.

Nesta conversação, entendi que é preciso reconhecer as culturas populares, no plural. Para além da classificação genérica de “classes subalternas”, organizam-se múltiplos e variados grupos sociais que desenvolvem diferentes formas de interpretação da realidade. São culturas, com representações sociais e visões de mundo específicas, elaboradas segundo lógicas e categorias próprias. Ao ignorá-las ou desqualificá-las, os intelectuais e operadores sociais correm o risco de não entendê-las, de invalidar estes saberes e de reforçar a trama de poder que em nossa sociedade subjugava estas culturas.

Esta busca de compreender o que as classes populares estão querendo dizer através dos diferentes movimentos sociais, compartilhamos em muitos momentos, durante as reuniões anuais da ANPED. Os encontros do GT Educação popular eram momentos de discussão crítica e amorosa dos textos apresentados. Mas este diálogo se estendia no restaurante, nas nossas matutinas caminhadas no parque, nas conversas ao redor da piscina, na sauna, no apartamento do Hotel Glória que dividimos com outros colegas ano após ano. Neste ambiente de conforto, raro, partilhávamos lutas e esperanças que nos animavam no cotidiano árduo do trabalho popular, das salas de aula, dos grupos de pesquisa.

Junto com colegas, desenvolvemos pesquisas que questionam a tentativa de enquadrar os saberes populares segundo os critérios de cientificidade dos saberes acadêmicos. Reconhecemos a necessidade de educadores e educadoras populares participarem do jogo de políticas de verdade para subverter a lógica que institui os critérios de cientificidade. Com isto, rompemos com uma certa política de indiferenciação, de homogeneização, e buscamos construir um quadro teórico em que se reconhecem o estatuto e a legitimidade dos saberes populares.

Você se lembra como este debate sobre as relações de poder e a construção do saber na educação popular mobilizou-nos durante toda a última década do milênio? Fomos além da crise de compreensão das práticas e sujeitos sociais. Elaboramos novas chaves epistemológicas de interpretação das formas de organização popular (como a teoria do apoio social⁴ e os estudos culturais), ou de elaboração coletiva de

pesquisa (como a sociopoética), ou de interação entre práticas populares e saberes institucionais (como práticas populares em saúde e medicina). Focalizamos mais particularmente experiências não-formais de educação e de elaboração de saberes em sua relação com a escola, a educação de adultos ou programas oficiais de saúde preventiva.

Lembra do Encontro de Intercâmbio do GT, realizado em João Pessoa no mês de maio de 1997, e da publicação do livro *Educação popular hoje*⁵? Problematizamos o discurso da globalização no atual contexto, discutindo seus pressupostos epistemológicos e suas implicações para a reconceitualização da educação popular. Foi neste encontro que apresentei os resultados de minha pesquisa sobre interculturalidade e complexidade, realizada nos dois anos anteriores, durante meu estágio de pós-doutorado na Itália. E você retomou a teoria do apoio social, que estudou a partir do seu estágio pós-doutoral nos Estados Unidos.

Nas reuniões dos anos seguintes, continuamos avançando neste debate. Em uma de nossas caminhadas no Parque das Águas em Caxambu, você me disse jocosamente: “Não sabia que meu pensamento tem a ver com a complexidade e interculturalidade”. Por outro lado, aprendi muito com seus estudos da teoria do apoio social e sobre a religiosidade popular⁶ para entender as novas estratégias de organização e de elaboração de saber das classes populares.

Fiquei muito feliz por compartilhar com você, Valla, e com a rede de companheiros e as companheiras, este esforço de elaboração teórica. Você nos animou a desenvolver a crítica dos pressupostos epistemológicos e metodológicos das práticas de educação popular. Você, Valla, foi quem deu vida à história recente do Grupo de Trabalho Educação Popular da ANPED. Sua perspicácia e seu brilhantismo intelectual, sua carinhosa atenção e solidariedade, sua criticidade e espiritualidade, seu compromisso político e sua persistência cotidiana no cuidado com as causas populares, constitui o sentido profundo da vitalidade dos estudos e dos diálogos neste nosso grupo de pesquisa.

No dia 22 de agosto passado, foi a última vez que almoçamos juntos, no Rio de Janeiro, naquele “seu” restaurante mexicano. Passeamos com sua cadeira de rodas pelo mercado. Paramos num bar para ouvir samba. Presenteamos Kita, sua amada, com uma bromélia e uma rosa amarela. Planejamos felizes nosso reencontro na ANPED neste ano ...

Vou sentir muito sua ausência nas próximas reuniões do GT Educação Popular, nas conversas animadas no Hotel Glória ou nas caminhadas no Parque das Águas, em Caxambu. Também não vou mais poder visitar você em sua casa,

nem nos encontrar em bares do Rio de Janeiro. Mas nossa convivência permanece intensa, eterna, nas experiências, nas lutas e aprendizagens que compartilhamos. Principalmente na capacidade de transformar cada obstáculo em passagem.

Sua falta me traz a insustentável tristeza da perda, o peso da pedra e o pânico da preda. Mas, como insurgência da vida – intensa, eterna – numa linguagem poética, quero hoje homenagear a amizade imortal que nos une. Dedico a você, Valla, a poesia que compus em reação visceral diante do sentimento de fatalidade brilhantemente suscitado pelo poema de Drummond:

No meio do caminho **tinha uma pedra**
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho **tinha uma pedra.**

Nunca me esquecerei desse
acontecimento
na vida de minhas retinas tão
fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do
caminho
tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho **tinha uma pedra.**

Carlos Drummond de Andrade

Aqui fica um abraço muito carinhoso.
Reinaldo Fleuri

Por sete vezes vejo a pedra:
sete tropeços, sete ais, sete pulos.
Pedra: perda ou preda?
A cada susto, um novo olhar.
A cada ai, uma inspiração.
A cada salto, uma descoberta
de bons parceiros,
de saborosas fontes,
de novos horizontes,
de auguradas pontes,
para mundos possíveis.

Reinaldo Matias Fleuri

Notas

¹E-MAIL)

Data: 7 de setembro de 2009 23:26

Assunto : Falecimento

Enviado: por uol.com.br

Caros companheiros e companheiras,

Comunico com grande tristeza o falecimento do nosso querido Valla.

Não há palavras suficientes para falar da perda deste grande amigo e intelectual. Certamente ele estará sempre presente em nosso GT, em nossos trabalhos e nas vidas de muitos de nós.

O sepultamento será na terça-feira, às 15:00h, no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Meu abraço fraterno a todos,

Teresa Esteban (Coordenadora do Grupo de Trabalho Educação Popular da ANPEd).

²“O Núcleo de Educação, Saúde e Cidadania, da Escola Nacional de Saúde Pública (NESC/ENSP) durante seis anos (1986-1992), elaborou e executou projetos de pesquisa na região dos subúrbios da Leopoldina, onde também está instalada a sede da Fundação Oswaldo Cruz. Em articulação com os serviços locais de saúde e organizações populares, o funcionamento desse Núcleo de Pesquisa também inspirou a criação do CEPEL (Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina), entidade que, desde então, tem desenvolvido atividades de assessoria às organizações populares da região.

Em 1989, o NESC/ENSP, em parceria com o CEPEL, criou as Oficinas de Educação Popular, Saúde e Participação Popular, com base nas solicitações de assessoria por parte de organizações populares da região da Leopoldina. Eram compostas por profissionais de saúde (academia e serviços), profissionais de educação e de representantes de organizações populares. Inicialmente, as Oficinas foram constituídas para a capacitação dos representantes populares, mas, com o tempo, percebeu-se que os profissionais também demandavam informações sobre as experiências de vida da população. As Oficinas passaram, então, a se constituir num espaço de capacitação mútua e simultânea dos profissionais e representantes da população (Valla et al., 1993).

Da articulação entre os espaços das Oficinas e de comissões executivas de planejamento regional da saúde, reconhecidas pela Secretaria Municipal de Saúde, surgiu a proposta de se criar um movimento que tivesse o caráter de defesa civil popular, o “Se Liga Leopoldina” que teve um papel importante na mobilização popular para combate à epidemia de dengue.

Acreditava-se que o movimento pudesse munir a população com informações sobre a relação entre suas condições de vida e situação de saúde da população e levar a uma qualificação das reivindicações sociais. A questão central que se colocava era a seguinte: “O Estado vem se eximindo de suas responsabilidades de provedor de serviços básicos de consumo coletivo, o que tem favorecido o aparecimento de diversas enfermidades que estão se tornando endêmicas. O contexto apresentado atualmente é o da população, tendo cada vez mais que assumir uma defesa civil da vida, quando deveria atuar em caráter de participação social efetiva na definição de políticas sociais, ou seja, apontar os serviços prioritários, sua distribuição, qualidade e adequação à realidade da população. O movimento popular não

tinha, na sua relação com os órgãos públicos, as informações necessárias sobre os serviços básicos prestados (ou que deveriam ser prestados), informações estas que poderiam subsidiar suas lutas pela aquisição desses serviços em qualidade e de acordo com a sua realidade. No confronto com o Estado torna-se, então, necessária a apropriação de informações pela população (sua “capacitação técnica”) para que possa estabelecer uma nova relação com o Estado na luta pela garantia de serviços públicos de qualidade” (Valla et al., 1993: 28)”.

(VALLA, V. V.; CARVALHO, M. & ASSIS, M., 1993. Participação Popular e os Serviços de Saúde: o Controle Social como Exercício da Cidadania. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz).

OLIVEIRA, Rosely Magalhães de. A dengue no Rio de Janeiro: repensando a participação popular em saúde. Cad. Saúde Pública [online]. 1998, vol.14, suppl.2, pp. S69-S78. ISSN 0102-311X. doi: 10.1590/S0102-311X1998000600006. Disponível em <http://www.scielo.org/pdf/csp/v14s2/1326.pdf> . Acesso em 06.12.2009

³“Martins (1989:111) sugere que a cultura popular “deve ser pensada como (...) conhecimento acumulado, sistematizado, interpretativo e explicativo (...) teoria imediata”. Neste sentido, o aparente absurdo para o profissional tem uma lógica clara para a população. Numa sociedade onde a concepção dominante é a de que cada um é exclusivamente responsável por sua saúde e a dos seus filhos, mas onde também se aprende que Deus é quem decide sobre a morte das crianças, o suposto conformismo da mãe pode estar representando uma elaboração de um conhecimento mais complexo. Se, por exemplo, o nascimento de um filho representa um dos bens mais preciosos, aceitar a culpa por sua morte pode ser uma experiência insuportável. Mas, já que Deus quer assim, a culpa, que é então partilhada com alguém, não é responsabilidade exclusiva da mãe”.

(MARTINS, J. S., 1989. Dilemas sobre as classes subalternas na idade da razão. In: Caminhada no Chão da Noite, (J. S. Martins, org.), pp. 97-138, São Paulo: Hucitec)

VALLA, Victor Vincent. Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. Cad. Saúde Pública [online]. 1998, vol.14, suppl.2, pp. S07-S18. ISSN 0102-311X. doi: 10.1590/S0102-311X1998000600002.

Disponível em <http://www.scielo.org/pdf/csp/v14s2/1322.pdf> . Acesso em 06.12.2009.

⁴“Apio social se define como sendo qualquer informação, falada ou não, e/ou auxílio material oferecidos por grupos e/ou pessoas que se conhecem e que

resultam em efeitos emocionais e/ou comportamentos positivos. Trata-se de um processo recíproco, ou seja, que gera efeitos positivos tanto para o recipiente, como também para quem oferece o apoio, dessa forma permitindo que ambos tenham mais sentido de controle sobre suas vidas. Desse processo se apreende que as pessoas necessitam umas das outras (Minkler, 1985). Essencialmente, o debate acerca da questão do apoio social se baseia em investigações que apontam para o papel deste na manutenção de saúde, na prevenção contra doença e como forma de facilitar a convalescença.

Uma das premissas principais da teoria é a de que o apoio social exerce efeitos diretos sobre o sistema de imunidade do corpo, ou como buffer, no sentido de aumentar a capacidade de as pessoas lidarem com o stress (Bermann, 1995). Outro possível resultado do apoio social seria sua contribuição geral para a sensação de coerência da vida e o controle sobre a mesma, que, por sua vez, afeta o estado de saúde de uma pessoa de uma forma benéfica (Cassell, 1976a).

Inversamente, então, poder-se-ia dizer que, quando o apoio social diminui, o sistema de defesa é afetado, fazendo com que o indivíduo se torne suscetível à doença. Em momentos de muito stress, o apoio social contribui para manter a saúde das pessoas, pois desempenha uma função mediadora. Assim, permite que as pessoas contornem a possibilidade de adoecer como resultado de determinados acontecimentos, como, por exemplo, a morte de alguém da família, a perda da capacidade de trabalhar, ou um despejo da casa onde se reside por muitos anos. Uma decrescente oportunidade com outras pessoas, ou de participar no processo de tomada de decisões podem ter o efeito de contribuir para um diminuído sentido de controle, que, por sua vez, afeta a morbidade e mortalidade (Minkler, 1992; Gottlieb, 1983)”.

(BERMANN, S., 1995. Trabajo Precario e Salud Mental. Córdoba: Navajo Editor; CASSELL, E. J., 1976a. The Healer's Art. New York: J. P. Lippincott Company; GOTTLIEB, B. H., 1983. Social Support Strategies. Beverly Hills: Sage Publications; MINKLER, M., 1992. Community organizing among the elderly poor in the United States:a case study. Journal of International Health Services, 2:303-316)

VALLA, Victor Vincent. Educação popular, saúde comunitária e apoio social numa conjuntura de globalização. Cad. Saúde Pública [online]. 1999, vol.15, suppl.2, pp. S7-S14. ISSN 0102-311X. doi: 10.1590/S0102-311X1999000600002. Disponível em <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v15s2/1283.pdf>. Acesso em 06.12.2009.

⁵ Cf. COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Educação popular hoje. São Paulo : Loyola, 1998

⁶ Cf. VALLA, V. V. O que a saúde tem a ver com a religião. *In*: VALLA, Victor Vincent (Org..) Religião e cultura popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.113-139.

RUPTURAS EXISTENCIAIS E CONVERSÃO RADICAL À CAUSA DOS POBRES: A TRAJETÓRIA ESPIRITUAL DE VICTOR VALLA

José Luis Petruccelli

Introdução

A trajetória pessoal e espiritual com Victor

Recebi o convite de Regina Leite de escrever um pequeno texto sobre Victor Valla e o aceitei com muito prazer. Escrever é uma forma de lembrá-lo, de fazer um esforço para conhecê-lo melhor depois de sua partida e, principalmente, de atualizar e manter sua presença entre nós. Mas escrever sobre ele é também uma enorme responsabilidade dado o risco de não fazer jus à riqueza e multidimensionalidade de sua vida e personalidade. Entretanto, achei que como um dos seus amigos mais próximos, podia cumprir com o dever de compartilhar nossas lembranças, por mais limitados que sejam, de sua trajetória no Brasil e lembrar algo do que ele sempre pregou e praticou: dialogar, socializar e compartilhar entre todos o saber, os bens e as coisas boas da vida.

Além disso, o convite se direcionava a falar particularmente sobre o Victor e a convivência que tivemos na nossa prática comum de sessões de meditação e de busca da espiritualidade. Aceitei o convite sabendo que iria transitar numa tênue fronteira das nossas dimensões mais pessoais e privadas e a memória de experiências com significados próprios, sendo obrigado a vigiar os limites da confidencialidade e do sigilo fraterno entre amigos.

Primeiramente, é preciso dizer que considero um privilégio ter compartilhado da amizade e do companheirismo de Victor, assim como de Kitta, sua mulher, por tantos anos. Quando o conheci, a meados dos anos 90, descobrimos ter vários traços de vida em comum, além da condição de termos adotado, há décadas, o Brasil como nosso país:

- *um passado de engajamento social;*
- *o contato com uma literatura e debate críticos da religião;*
- *uma longa caminhada de militância política, no sentido amplo;*

-
- *uma busca para compreender os lampejos difusos de espiritualidade que emergiam depois de anos de rejeição e crítica;*
 - *uma ânsia por incorporar a dimensão espiritual à nossa experiência de vida*

Tenho a convicção de que se trata de uma trajetória também vivenciada por alguns companheiros que receberam, em algum momento de suas vidas, educação religiosa e que se engajaram social e politicamente, mas cujo contato, particularmente, com o marxismo e com outras teorias sociais críticas e suas abordagens derivadas, acabaram induzindo uma crise existencial. Isso se dá principalmente pela crítica da alienação religiosa e social, ou dos aspectos culpabilizantes de concepções dualistas em relação à corporeidade, ao inconsciente, ao prazer e à própria vida.

O interesse de Victor por práticas meditativas e sua busca por tradições alternativas, o levou a formar, em 1994, um pequeno grupo com amigos, que se reunia quinzenalmente nas próprias casas, e do qual faço parte desde 1995. Esta atividade levou ao grupo a se interessar em verificar a possibilidade de encontrarmos parceiros de caminhada, no Rio de Janeiro, bem como a pesquisar as tradições que também utilizam práticas similares, para esclarecer melhor as muitas direções possíveis da jornada. Em nossas reuniões, compartilhamos nossas experiências e leituras individuais mais inovadoras, tanto as mais específicas, voltadas para a espiritualidade, como as mais amplas, dirigidas para nossas preocupações sociais e políticas comuns. Aos poucos, fomos percebendo a nossa especificidade como grupo, nos obrigando a traçar nossas próprias trilhas. Assumimos, assim, nosso ecletismo, como característica pluralista e singular em relação às experiências vivenciadas ou eventualmente em prática por cada um do grupo, bem como às várias formas e campos possíveis de engajamento social. Cada vez mais, ficou clara para nós a necessidade de desenvolver linhas variadas de buscar reconhecer e auscultar as múltiplas dimensões que nos conformam individual e coletivamente, desde aquelas mais profundas e desconhecidas, até aquelas mais explícitas na história e na vida social. Esta escuta é que permite construir um cuidado de si e um projeto de vida mais autônomo e autêntico, a partir da singularidade existencial de cada um, como também uma práxis e um projeto ético-político de participação através do nosso engajamento social e ambiental. Em linhas gerais esses são os parâmetros de um fenômeno complexo que podemos chamar de espiritualidade engajada, inteiramente encarnada na imanência humana. Para alguns, isto pode até mesmo se

aproximar ou se expressar em formas já institucionalizadas de religiosidade, mas que também desembocam, eventualmente, em conflitos e limitações.

A partir do privilégio de compartilhar esta experiência e amizade com Victor, é que posso buscar apreender, descrever e expor, mesmo que de forma limitada, a sua trajetória no campo da espiritualidade, entendida no sentido mais amplo. Além disso, serão fontes também alguns escritos de autoria do próprio Victor, bem como de seus ex-alunos e companheiros de vida e trabalho, que já buscaram explorar as suas múltiplas dimensões e contribuições de vida e trabalho em outros textos, referenciados neste breve ensaio. Também participaram da construção deste texto os companheiros de nosso grupo de meditação com várias contribuições, sugestões de mudanças e acréscimos.

A trajetória biográfica de rompimentos existenciais progressivos: a conversão profunda à causa dos pobres

No processo recente da aposentadoria de Victor, a Escola Nacional da Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz, lhe fez várias homenagens, que incluíram o título de professor emérito, bem como a publicação de uma série de pequenos textos autobiográficos, com base em uma longa entrevista realizada por Ricardo Valverde, da Agência Fiocruz de Notícias, que estão disponíveis no site da fundação. Recomendo fortemente aos interessados a leitura destes textos, pois nos dá uma visão de conjunto e muitos elementos de sua biografia que inclusive muitos de nós, seus amigos mais próximos, desconhecíamos. Dada a disponibilidade pública desta entrevista, a referência a estes dados será muito sintética aqui, sem muitos detalhes, apenas para possibilitar uma tentativa de interpretação.

Um primeiro olhar mais amplo sobre a trajetória de vida de Victor nos sugere uma inquietação permanente, um profundo desapego e desprendimento, uma impressionante capacidade heróica de assumir em toda a sua radicalidade os impasses existenciais, sociais e políticos, como força para produzir intuições criativas e provocar as rupturas e rompimentos progressivos nestas várias dimensões. Desta maneira, gerava autonomia em relação aos vínculos subjetivos, culturais e sociais que o formaram, permitindo a sua politização e conversão radical à causa dos pobres.

A formação familiar extremamente católica e a primeira ruptura: ser apenas irmão religioso, e não padre, de acordo com a expectativa dos pais

Victor Valla nasceu em 1937 em Los Angeles, Califórnia, EUA, no contexto de uma família fortemente católica. Além de frequentarem escolas católicas, os quatro filhos escolheram a vida religiosa: a irmã Maria é até hoje freira carmelita, e seus dois irmãos se ordenaram padres. Victor seguiu o mesmo caminho, mas aqui já temos uma das primeiras manifestações de sua forte inquietação e busca por maior autonomia, traço de personalidade que se tornou uma característica permanente de sua biografia. Não quis ser padre, mas apenas um irmão, ou seja, assumiu sim a vocação religiosa, mas sem o mandato para celebrar mandamentos. Essa decisão bateu de frente com a expectativa dos pais, mas ele optou apenas pela carreira docente em escolas católicas, o que lhe permitiria mais liberdade para a sua formação, realizada em literatura, história e humanidades, como também nas atividades esportivas, de que tanto gostava.

A opção pela carreira missionária e a vinda para o Brasil como novo rompimento e forma de elaborar a sua crise vocacional

Victor não tinha qualquer conhecimento acerca do Brasil e da língua portuguesa, apenas teve alguns amigos que já tinham passado pela América Latina. Entretanto, sua insatisfação e impasse crescente na vida religiosa nos Estados Unidos o levou à segunda ruptura mais significativa de sua história: “vou resolver isso viajando”, disse. Em outras palavras: escolheu aprofundar o rompimento dos laços com a família e com sua cultura, já que na época vivia no mosteiro onde lecionava, para ir para um país distante e com uma língua desconhecida, onde pressentia a possibilidade de um pouco mais de autonomia para retrazar seus próprios caminhos de vida.

O primeiro contato com a Teologia da Libertação e com a pobreza: o breve/longo curso com os franciscanos de Petrópolis

Nosso amigo chegou ao Brasil em agosto de 1964, ou seja, logo após o golpe militar. Completamente despolitizado, não tinha qualquer explicação para as imagens de tanques de guerra nas ruas do Rio de Janeiro, que vira antes na televisão norte-americana. Após breve passagem por Campinas, base local de sua ordem religiosa, chegou ao Centro de Formação Internacional, criado pelos franciscanos em Petrópolis, para apresentar aos religiosos estrangeiros a realidade brasileira e propiciar o aprendizado da língua portuguesa. Ficou aí apenas quatro meses, mas

seu relato demonstra a intensidade e radicalidade desta vivência inicial no país. Foi neste ambiente que Victor teve o primeiro contato com as denúncias da pobreza e miséria da população brasileira e com religiosos que mais tarde seriam lideranças da então nascente Teologia da Libertação. Entre eles, don Pedro Casaldáliga, o padre poeta espanhol que mais tarde seria indicado para bispo da Prelazia de São Félix, no Araguaia, e que tanto incomodou a ditadura e os grandes proprietários rurais da região, com seu compromisso radical com os posseiros e trabalhadores rurais. Além dele, conheceu padres operários oriundos da França, bem como outros religiosos progressistas perseguidos pela repressão no Rio, e que se escondiam em Petrópolis. Estes relatos lhe possibilitaram conhecer melhor o golpe militar, os métodos repressivos da ditadura e as suas ligações com o governo de seu país de origem. Além disso, na cidade, pode também conhecer diretamente as favelas e bairros pobres, bem como teve contato com uma vida religiosa mais despojada, sem batina e mais aberta para costumes e a cultura brasileira laica.

Quando voltou ao Notre Dame, em Campinas, um colégio de padres norte-americanos, e que, portanto não levantava suspeitas nos órgãos repressivos da época, pode presenciar um encontro clandestino da UNE. Aí, conheceu, por exemplo, o futuro Frei Betto, na época um líder secundarista. E acima de tudo, teve contato com o discurso crítico e radical que mais tarde abraçaria com toda a força: “não adianta atacar a pobreza, tem que mudar as estruturas”, como revelou em sua entrevista a Ricardo Valverde.

O contato crescente com a realidade social, a impasse pessoal e a terceira ruptura mais significativa em sua vida: o afastamento da vida religiosa

Em Campinas, assumindo o posto de professor e vivendo em mosteiro, aproveitou a oportunidade para melhor conhecer a realidade social da cidade e a nossa língua. Particularmente para este último fim, ia frequentemente ao centro da cidade para conversar com idosos, pois sentia que eles, em sua carência, estavam mais disponíveis para conversar com pessoas estrangeiras mais jovens. Além disso, visitava favelas e fazia viagens pelo país.

O próprio Victor revelou que este choque de realidade o levou à terceira ruptura existencial mais significativa: abandonar a ordem e a vida religiosa. Antes disso, porém, foi enviado para Santarém e depois para os Estados Unidos. Ficou por lá um ano, juntando dinheiro, pois queria voltar ao Brasil, o que fez por conta própria. Lecionou por algum tempo em São Paulo, na União Cultural Brasil-EUA,

como professor de literatura, mas depois foi trabalhar no Instituto Tecnológico da Aeronáutica, ITA, em São José dos Campos.

A pós-graduação em História e a compreensão aprofundada das razões estruturais da pobreza, no ITA

Embora seja uma instituição militar, o ITA era um centro de movimentação estudantil. Trabalhou lá como docente entre 1967 e 1973, vivendo sua segunda fase de politização. Neste período, pode realizar seu mestrado em história do Brasil, na USP, onde também fez seu doutorado, o que significou para ele sua terceira fase de politização, na medida em que vários de seus colegas pertenciam a grupos clandestinos da esquerda. Neste período, aprendeu o método Paulo Freire de educação popular, e passou a ensinar história para os alunos do ITA, às noites, em sua própria casa, que virou em centro de aglutinação e debates.

Ainda neste período, constituiu família com Lúcia Helena, professora do Colégio Notre Dame de Campinas, e deste casamento nasceram três filhos: Claudia Maria, André Ricardo e Henrique Eduardo, que hoje moram em Campinas.

Nova ruptura, com aprofundamento do trabalho missionário com os pobres, com ida para Ilhéus, na Bahia

Naquele contexto, entre os cristãos engajados, era comum a saída missionária para a militância social e religiosa no interior do Brasil, particularmente no Nordeste e regiões Norte e Centro-Oeste. Victor pede demissão do ITA em 1973 e se muda com toda a família para Ilhéus, que já conhecia através dos romances de Jorge Amado. Este foi um momento de aprofundamento de seu contato direto com a população pobre da periferia da cidade e com os primeiros trabalhos já sistematizados da Teologia da Libertação, com suas várias metodologias de trabalho popular junto às comunidades eclesiais de base (CEBs).

O confronto com a oposição conservadora dentro da própria Igreja Católica e novo rompimento, desta vez com a própria religião, com ida para Niterói e Rio de Janeiro, onde se aproxima da esquerda de origem católica e da educação popular em saúde

Seu trabalho nas CEBs na periferia de Ilhéus passou a ter a oposição sistemática

da pároco local, mais conservador, que incluiu também a difamação pessoal. Mais uma vez, Victor não teve dúvidas e realizou em 1975 uma nova ruptura, desta vez mais ampla e geral em sua vida: rompeu com a própria religião, carregou toda a família e foi trabalhar como professor no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Victor considera que esta mudança abriu a quarta fase de sua politização, na medida em que se aproximou da Ação Popular (AP), uma organização de esquerda que tivera origem nos grupos católicos que combatiam o regime militar, particularmente a Juventude Universitária Católica (JUC). Nessa época, deu aulas de supletivo nas favelas dos morros da Coroa e dos Prazeres, em Santa Teresa, no Rio.

Mais tarde, em 1984, já no final do regime militar, presta concurso e passa a integrar o corpo docente do Departamento de Ciências Sociais da ENSP, iniciando seu trabalho no campo da educação popular em saúde. Foi neste contexto que conheceu Kitta, educadora e artista plástica, com quem dividiu sua vida até seu falecimento. Em 1987, criaram o CEPEL, Centro de Estudos da População da Leopoldina, no bairro da Penha para ouvir e sistematizar o conhecimento da população da área, e assessorá-los nas lutas por seus direitos e demandas.

A trajetória de investigação e extensão no campo da educação popular em saúde: o rompimento com os modelos explicativos convencionais da esquerda para assumir os impasses e ter intuições na compreensão da vida e da dinâmica da saúde das classes populares.

Este trabalho no CEPEL foi encerrado apenas em 2004, por dificuldades de financiamento da organização. A partir daí, Victor desenvolveu uma nova proposta na mesma área, de Ouvidoria Coletiva a partir de três centros de saúde (Sinval, Vila do João e Penha), através do qual se levantava a realidade de vida e saúde da população, bem como as estratégias de superação e luta. Todo este trabalho ofereceu inspiração para toda a produção acadêmica e a docência de Victor, bem como para os trabalhos de seus alunos e companheiros do campo em todo o Brasil, através da Rede Nacional de Educação Popular e Saúde, tema que deverá ser melhor descrito por outros autores desta coletânea. Entretanto, é importante assinalar que neste campo Victor realizou uma nova e corajosa forma de ruptura teórica e política: relativizar o conhecimento acadêmico e da esquerda convencional sobre a vida concreta e a cultura das classes populares, assumindo-as como verdadeiros impasses de compreensão e de estratégia política. Esta ruptura o permitiu realizar

um enorme esforço de investigação e compreensão das estratégias de sobrevivência e de saúde na vida dos trabalhadores, entrando em temas considerados tabus na esquerda convencional, com forte aproximação com as abordagens mais sensíveis da antropologia e da sociologia: religiosidade popular, sofrimento difuso, apoio social, terapias alternativas de saúde, construção compartilhada do conhecimento, etc:

“Na realidade, todos os conceitos acima citados estão relacionados com essa imagem do impasse, até a própria ideia central de educação e saúde. Os problemas vividos são tão intensos e profundos que parecem não ter saída. Como vislumbrar alternativas nesta situação de impasse, aparentemente um beco sem saída, que parece mostrar nenhuma perspectiva de solução não paliativa para as classes populares?” (Valla, 2006: 266).

Esta colocação do impasse como força motriz para ir gerando intuições graduais que levam a rupturas existenciais, teóricas e políticas fez parte integral de sua personalidade e modo de estar no mundo, bem como de seu estilo pessoal de realizar a produção acadêmica e de sua proposta educativa. Eymard Vasconcelos, amigo e companheiro de Victor nas lutas da educação popular em saúde, descreve muito bem essa sua característica:

“Na sua convivência com as instituições públicas de um lado e, de outro, o mundo popular, ele fica incomodado e instigado por algumas incompreensões, até que lhe ocorre uma ideia que oferece uma chave interpretativa para desvendá-las. Inicialmente são ideias pouco claras. Passa a conversar insistentemente com alguns companheiros sobre esta percepção, o que passa a ser quase uma obsessão. Neste momento, ele se torna repetitivo. Aos poucos, estas ideias vão se tornando mais claras. A sistematização acadêmica vem depois. Por isto, ele se apega muito a um pequeno número de interlocutores. Há uma forte participação coletiva na organização das reflexões. Mas, a fonte primeira de seus textos é a percepção intuitiva. O diálogo com outros autores, a escrita e o retorno dos leitores vão lhe

ajudando a precisar suas reflexões. Neste sentido, os textos de Victor se sucedem em um movimento espiral. O próximo texto repete muitos elementos do anterior, mas acrescenta novos elementos e esquece outros. Esta forte repetição de muitas ideias em textos que se seguem, causa alguma perplexidade em que o acompanha por pouco tempo. É a forma que tem de refinar sua reflexão em um movimento contínuo, disciplinado e quase obsessivo.” (Vasconcelos, Eymard M, 2008: 87)

Desta forma, podemos dizer que este modo de existir, que compõe nossa subjetividade profunda e nossa práxis, constitui na verdade um traço estruturante de nossa espiritualidade, no sentido amplo do termo que estamos utilizando aqui, pois ela é expressão imanente desta forma de estar no mundo. Assim, esta característica constitui um elemento estrutural da espiritualidade implícita e espontânea de Victor em toda a sua vida, e explícita naquelas fases em que foi reconhecida e nutrida por sua religiosidade. Passemos agora à consideração da trajetória mais detalhada de suas procuras neste campo a partir da década de 1990.

Um contraponto dialético às rupturas sócio-políticas: o gradual reconhecimento de sua herança cultural, espiritual e psicológica

Em 1996, após já iniciadas as práticas de meditação, Victor e Kitta prepararam uma viagem mais longa para a Califórnia. Com o objetivo de fazer um pós-doutoramento sobre o tema do apoio social, ele retomaria seus contatos familiares por cerca de seis meses. Ele pressentia que esta viagem poderia abrir novas perspectivas pessoais e esse tema foi objeto de especial conversa com o grupo, o que redundou numa maior abertura para falar de temas pessoais.

Por um lado, ele poderia ampliar a pesquisa de correntes e grupos praticantes de meditação, na medida em que a Califórnia constitui uma das principais regiões dos Estados Unidos de disseminação destas práticas. Além disso, ele tinha muita expectativa do retorno a seu ambiente de formação e do contato com a família, particularmente com sua irmã Maria, carmelita, com quem mantinha um relacionamento mais próximo, em relação aos seus demais familiares.

O que se conhece como crise da meia idade estava se perfilando. Neste momento, os impulsos heróicos da juventude e da primeira fase da maturidade tendem a se arrefecer com os primeiros sinais do envelhecimento físico, com a

compreensão mais clara das limitações que a vida oferece para se alcançar os objetivos pessoais e coletivos mais importantes e com os inevitáveis indícios da finitude da vida e da conseqüente inelutabilidade da morte. Assim, somos chamados a repassar nossa história pessoal, nossas origens e vínculos, as várias dimensões de nossa identidade, e nos perguntar mais explicitamente sobre o sentido da vida numa perspectiva menos heróica (Vasconcelos, Eduardo M, 2006).

É interessante lembrar que essa temática emerge então, ainda que de forma não muito clara, pelo menos cinco anos antes de seu acidente vascular cerebral (AVC), que ocorreu em setembro de 2001. Ou seja, aflora antes do “grande susto existencial” associado a este passar pela “beirada do abismo” da morte, que representa o AVC para qualquer pessoa, com os riscos, seqüelas e limitações físicas e cognitivas que pode impor a quem o vivencia.

Para Victor, dado o percurso de politização no Brasil e o antiamericanismo típico do processo em nosso país, a herança familiar, psíquica e cultural norte-americana significava até então algo que ele tendia a romper e rejeitar explicitamente, por razões óbvias. Assim, esta viagem de 1996 possibilitaria um retorno mais prolongado a estes elementos originais de sua história, e sua expectativa e ansiedade tinham assim razões psicológicas bastante compreensíveis. A partir dela, vários atores e fontes sociais, literárias, culturais e explicitamente espirituais desta herança voltaram a emergir com mais intensidade, ou novos elementos surgiram a partir deste retorno, em suas conversas e leituras em nosso grupo de meditação e em nossas conversas individuais. Mais tarde, a experiência do AVC naturalmente acelerou e aprofundou este processo.

Um retorno a formas mais explícitas de espiritualidade I: a aproximação com a meditação e o budismo engajado

Victor rejeitava claramente um retorno linear à cosmovisão cristã e ao conservadorismo político e moral que se tornava cada vez mais dominante particularmente pela ação dos dois últimos papas. Assim, as práticas de meditação e a busca de uma espiritualidade mais explícita o aproximaram do budismo engajado.

Em termos muito simplistas, e sem considerar as nuances de suas tendências, a cosmovisão budista tende a considerar as forças cósmicas, as suas manifestações e todos os seres em constante mudança, o domínio da impermanência. Nesta concepção, todo o universo se encontra interconectado e todas as ações humanas têm conseqüências individuais, coletivas e planetárias. Victor leu e divulgou

particularmente os trabalhos do monge norte vietnamita Thich Nhat Hanh e da norte-americana Joanna Macy, bastante conhecidos no campo, que acentuam o engajamento social e ambientalista. Também leu e comentou os trabalhos de Goleman, autor fortemente influenciado pelo budismo que forjou a noção de inteligência emocional e que discorreu sobre o papel central das emoções nos processos curativos, temas que ele tentava entender na realidade das classes populares.

Nesta direção, Víctor acabou desenvolvendo simpatias muito seletivas a algumas concepções budistas mais próximas às da Teologia da Libertação, que tanto fez parte de sua formação no passado, bem como ao conjunto de suas próprias ideias e valores. Por exemplo, concebia a meditação como um processo de integrar e equilibrar as energias corporais, emocionais e psíquicas, bem como um dispositivo para nos tornar mais desapegados e abertos do ponto de vista existencial, emocional e cognitivo para enfrentar a dor e angústias profundas reprimidas, nos planos individual e coletivo, e permitir intuições capazes de lidar com os verdadeiros impasses políticos e sociais vividos pelas classes populares ou associados à crise ambiental planetária .

O reencontro com fontes espirituais e literárias transgressivas norte-americanas

A sua viagem à Califórnia em 1996 reativou em Víctor, de forma mais acentuada, o reconhecimento de fontes importantes de sua formação pessoal, de vínculos afetivos e familiares, e particularmente de sua espiritualidade.

Em relação à família, se destaca a possibilidade de alongar no tempo e aprofundar o contato mais direto com sua irmã Maria Víctor, uma das superiores da Ordem Carmelita nos EUA. Além do enorme vínculo emocional, Víctor admirava a sua capacidade de se manter atenta com o mundo, mesmo dentro de uma clausura, bem como as suas intuições acerca dos problemas sociais e políticos atuais, que ele considerava geniais. Maria teve a oportunidade de vir brevemente ao Brasil em 2008, em uma de suas viagens de supervisão a conventos da ordem espalhados pelo mundo, contato que acabou significando efetivamente uma última visita de despedida, dado o falecimento de Víctor no ano seguinte.

Outra fonte norte-americana que foi retomada com frequência nas falas de Víctor após esta viagem foram os autores beatniks, e aí se destacam Jack Kerouac (1922-1969), Allen Ginsberg (1926-1997) e Gary Snyder nascido em 1930. Esta

geração de autores teve seu apogeu nos EUA nos anos 50, um período em que dominou uma cultura extremamente conservadora, pelo ufanismo do após-guerra, pela guerra fria que se consolidava e pelo macartismo, que reprimia qualquer força política e cultural de oposição. Os principais elementos do movimento beat foram a rejeição aos valores hegemônicos na cultura do país, contra a autoridade e a censura e a máquina industrial-militar; um estilo de vida de simplicidade, espontaneidade criativa e viagens, um claro interesse pela cultura e espiritualidade oriental, bem como de experimentação com drogas. Os historiadores da cultura norte-americana são praticamente consensuais ao afirmar a importância dos beatniks como precursores dos movimentos hippie, feminista, pacifista e ecologista nos países.

Percorrendo a biografia de Ginsberg, encontramos inúmeras razões para as constantes citações do Victor. Ginsberg teve uma especial ligação e simpatia com a esquerda e o socialismo, traço cuja influência maior foi sua própria mãe, membro do Partido Comunista norte-americano e que o levava para as suas reuniões. Ele também tinha uma espiritualidade extremamente marcante, com fortes experiências místicas. Durante parte significativa da década de 50, quando publicou seus principais livros, esteve em São Francisco, muito perto de onde Victor nasceu e viveu. Durante os anos de 1962-3, viajou extensivamente pela Índia, e de volta aos Estados Unidos, teve fortes vínculos e um relativo ativismo junto com monges budistas presentes no país, com a participação de Keroauc.

Snyder, por sua vez, teve um percurso similar, com forte base em São Francisco, atuando em muitas ocasiões diretamente com Ginsberg e Kerouac. Entretanto, seu compromisso com o zen budismo e a prática como monge foram mais profundos, além de ter uma atuação ambiental e acadêmica mais proeminente que seus dois companheiros citados, sendo a figura de referência para o movimento conhecido como Ecologia Profunda.

Outro reencontro importante de Victor com suas fontes norte-americanas foi com a história pessoal e a obra do teólogo protestante Richard Shaull. Como o próprio Victor, Shaull foi um missionário que veio para a Colômbia e para o Brasil na década de 1940 e ficou muito impressionado com a miséria social do continente, o que o levou a se aproximar do marxismo e vislumbrar a necessidade de uma conversão pessoal e eclesial radical aos pobres e uma mudança social e política mais estrutural. Na década de 1950, foi um destacado professor do Seminário Presbiteriano de Campinas, cidade onde Victor viveu quando chegou ao Brasil. Shaull foi, na verdade, um dos principais precursores da Teologia da Libertação, escrevendo vários textos e livros (Shaull, 1987, 1991 e 1999), alguns deles muito

antes dos autores considerados clássicos do movimento, como Gutierrez e Leonardo Boff, e teve enorme influência na época, sendo Rubem Alves um de seus seguidores. Nos últimos anos, Victor levou para o grupo de meditação vários autores, mas Shaull se destacava pela intensidade emocional e pelo número de vezes com que foi trazido, como uma referência biográfica central, dada a similaridade e proximidade com sua história pessoal.

Um retorno a formas mais explícitas de espiritualidade II: o reencontro com o cristianismo libertário, autônomo e engajado

Durante a década de 2000, Victor foi se distanciando gradualmente das fontes budistas e se reaproximando da Teologia da Libertação e com a vivência cristã.

Em primeiro lugar, esse movimento se deveu ao próprio ecumenismo de Thich Nhat Hanh, que estimulava seus seguidores ocidentais, que tiveram formação cristã, a explorar os seus valores e vivências originais. Victor promoveu a leitura regular de trechos do livro “Vivendo Buda, vivendo Cristo” do monge, traduzido e publicado no Brasil pela primeira vez em 1997, no Centro Lótus de meditação, situado no Catete; a orientação do monge vietnamita, principal expressão do budismo engajado, seguida por este centro foi certamente influenciada pelo estímulo de Victor.

Em segundo lugar, essa reaproximação com o cristianismo certamente se deveu também à leitura e discussão de livros sobre o cristianismo gnóstico realizado em nosso grupo de meditação. Foi a partir do pedido que lhe fiz de me trazer dos EUA três livros da historiadora das religiões de origem norte-americana Elaine Pagels, da Universidade de Columbia, que empreendemos as nossas leituras centradas, em particular, sobre “Os evangelhos gnósticos” e “Adão, Eva e a serpente” (1991 e 1992). Estes trabalhos derivaram da descoberta, em 1945, no Alto Egito, de cento e cinquenta e dois textos em copta, conhecidos, desde então, como a biblioteca de Nag Hammadi. Estas leituras nos permitiram conhecer diretamente e com muito mais detalhes as diferentes visões dos grupos de cristãos alternativos dos primeiros séculos depois de Cristo. Em termos muito gerais, podemos dizer que a maioria destes textos estimulava um profundo conhecimento interior, de cada pessoa consigo si mesmo, como caminho para chegar à esfera do sagrado e do divino, sem a visão moralista, dualista, hegemonicamente masculina e culposa em relação ao inconsciente e à sexualidade que vigorou no cristianismo oficial até hoje. Embora o principal interesse de Victor não fosse tanto esta dimensão mais psicológica

e moral da religião, as suas implicações sociais e políticas e o conhecimento de versões cristãs reprimidas durante a história teve como efeito uma percepção mais diferenciada do catolicismo que já rejeitara, possibilitando uma reconciliação com seu passado e as suas raízes e outros tipos de tradição cristã.

Contudo, o que efetivamente promoveu um reatamento mais efetivo de Victor com o cristianismo em sua versão mais libertária, autônoma e ligada à Teologia da Libertação, foi o seu contato com a Igreja Cristã de Ipanema. Esta igreja, de origem presbiteriana, se tornou independente de sua matriz institucional durante a ditadura militar quando seus fiéis e seu pastor na época, Jonas Rezende, radicalizaram seu compromisso político e social com a Teologia da Libertação e os responsáveis pela igreja presbiteriana no país não toleraram este comprometimento. Victor conheceu a igreja pouco antes de seu AVC em setembro de 2001 e já ficara entusiasmado com o seu forte engajamento social, a democracia interna em suas discussões, bem como com seu radical ecumenismo e abertura para acolher pessoas tão cheias de dúvidas como ele, no tocante à fé e à espiritualidade como um todo.

Com o AVC, o pastor Edson Fernando Almeida e seus seguidores lhe deram um enorme apoio espiritual e humano, o visitando diariamente nos trinta dias em que ficou internado, ou em visitas regulares em sua casa, em seu processo de recuperação, e também nas internações posteriores. Edson e alguns dos membros da igreja se tornaram então seus profundos amigos pessoais. Victor sempre ficava emocionado e agradecido ao lembrar deste apoio e da coragem e autonomia teológica e sócio-política que testemunhava em seus encontros aos domingos de manhã, que passou a frequentar regularmente.

O confronto com a condição humana e a elaboração de sua história pessoal

Para alguém como Victor, extremamente vivo, ativo e comprometido com seu trabalho e ideias, as limitações causadas pelo AVC foram muito difíceis. Teve o seu lado esquerdo parcialmente paralisado, e seu processo de recuperação foi longo, lento e apenas parcial. Além disso, Victor, que era muito crítico da medicina dominante, principalmente em seu modelo biomédico, mais especializado e hospitalar, sofria muito quando era obrigado a ficar hospitalizado.

Naturalmente, como qualquer pessoa em uma situação similar, ele teve que se confrontar com a questão da morte como dimensão inexorável da condição humana (Vasconcelos, Eduardo M, 2006). Além disso, essas questões também o levaram a

se perguntar e re-elaborar detalhes de alguns processos chaves de sua vida, como a relação consigo mesmo, os vínculos pessoais mais significativos e, particularmente, a relação com os seus filhos. Felizmente, Victor teve a coragem, a oportunidade e as condições, em um tempo efetivamente suficiente, para processar estes aspectos mais delicados de sua vida. Nos últimos anos trouxe para nosso grupo e comentou alguns dos insights que teve durante este processo. Ficamos felizes em ver seus avanços na elaboração destas questões e comentamos nossa admiração por ele poder explorar esta dimensão mais delicada e psicológica de sua história pessoal, para além de sua profunda e clara conversão aos pobres e suas dimensões sócio-históricas e políticas.

Talvez seja por isso que, quando nos deixou, em setembro de 2009, tivemos a clara sensação de que ele não só tinha conquistado tantos feitos no campo acadêmico, social e político, bem como de ter realizado uma bem sucedida procura explícita no campo da espiritualidade.

Em outros termos, a forte impressão que tivemos foi que realizou a sua passagem em profunda paz consigo mesmo... E esta sensação nos conforta e nos ajuda a lidar um pouco melhor com a profunda saudade que temos daquela pessoa simples, bem humorada e com imensa ternura, afeto e calor humano que você encarnou em sua presença e amizade entre nós.

REFERÊNCIAS

HANH, Tich Nhat: Vivendo Buda, vivendo Cristo. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

JUNG, CG: Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1963.

MACY, J e BROWN, MY: Coming back to life: practices to reconnect our lives, our world. Gabriola Island (Canada), New Society, 1998.

PAGELS, E: Os evangelhos gnósticos. São Paulo, Cultrix, 1991.

PAGELS, E: Adão, Eva e a serpente. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

PAGELS, E: The Origin of Satan. New York, Vintage Books, 1995.

SHAULL, R: Grace and Power: basic communities and non-violence in Brazil.

Maryknoll, Orbis Books, 1987.

SHAULL, R: The reformation and liberation theology. Louisville (Kentucky), John Knox, 1991

SHAULL, R e CESAR, W: Pentecostalismo e o futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios. Petrópolis, Vozes, 1999.

VICTOR, VV: A vida religiosa como estratégia das classes populares na América Latina de superação da situação de impasse que marca suas vidas, in Eymard M Vasconcelos (org) A espiritualidade no trabalho em saúde. São Paulo, Hucitec, 2006.

VARELA, F et al: A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre, Artmed, 2003

VASCONCELOS, Eduardo M: Podemos ser curadores, mas sempre... também feridos! Dor, envelhecimento e morte e suas implicações pessoais, políticas e sociais. In Eymard M Vasconcelos (org) A espiritualidade no trabalho em saúde. São Paulo, Hucitec, 2006.

VASCONCELOS, Eymard M: Em Victor, o reconhecimento e valorização, na pesquisa acadêmica, do jeito de produzir conhecimento da Educação Popular. In Eymard M Vasconcelos et al: Victor Vicent Victor: pioneiro da pesquisa e formação acadêmica no campo da educação popular em saúde, in Revista de Atenção Primária à Saúde, v.11, n.3, julho/setembro 2008

SITES CITADOS

www.fiocruz.br

www.igrejacristaipanema.org.br

QUERIDO VALLA

Kitta Eitler

Querido Valla,

Começo esta carta num final de semana de novembro. Pelo calendário ainda estamos na primavera, mas na realidade mais se parece com aqueles dias quentes e úmidos de um verão típico da cidade do Rio de Janeiro. Segundo os jornais, é o mês de novembro mais quente dos últimos sete anos. Imagina eu, com minhas raízes européias, que sempre tive dificuldade em suportar o calor, como estou me sentindo. Mas lembro de como você gostava – venho da Califórnia -, dizia. Sei também que ultimamente o calor era mais que bem vindo, já que com os movimentos limitados, o frio para você se tornava menos suportável. Porém nada que um cobertor e um abraço bem apertado não pudessem resolver.

Mas não era somente do clima do Rio que você gostava e que te fez escolher esta cidade para viver, onde afinal você passou o maior tempo da tua vida, e como Cidadão Carioca desde 1995. Foi uma história de muitas transformações e mudanças, sendo que a maior delas foi vir para o Brasil – salvar as almas do terceiro mundo – você dizia brincando - mas fui salvo por elas! Acho mesmo que você já se considerava totalmente brasileiro, fora é claro, dos pequenos pecados do paladar que remetiam à tua infância - comida da alma - era como você explicava essas pequenas contravenções degustativas, panquecas, coca-cola, hamburger e milk shake.

O interessante, é que apesar de ter se mudado tanto, ou talvez por isso mesmo, você tinha preferências mais conservadoras no dia a dia. Costumávamos brincar enumerando ações como: estacionar o carro no mesmo lugar, entrar no mesmo restaurante, sentar na mesma mesa, e, se eu me distraísse pedir o mesmo prato e sobremesa. Igualmente você gostava de freqüentar o mesmo barbeiro, comprar o jornal do mesmo jornaleiro, as roupas na mesma loja, levar o carro à mesma oficina e andar pelas imediações cumprimentando todos os porteiros dos prédios vizinhos. Da mesma forma costumavam ser nossos últimos finais de semana, às vezes ir sábado à Guapimirim, mas voltar cedo no domingo para assistir o culto da Igreja Cristã de Ipanema, onde os debates te encantavam e alimentavam corpo e alma – parece que o Pastor Edson¹ está falando para mim - depois almoçar no La Mole com direito ao browne com sorvete, passar o resto da tarde curtindo a doce preguiça do domingo, e quando o dia virava noite, fazer os telefonemas que iriam garantir

uma boa segunda feira de trabalho.

Trabalho, como você gostava de trabalhar! Dizia – sou um privilegiado, ganho salário para estudar. Estudar, estudar muito e sempre, buscando compreender as classes populares, suas dificuldades, seus anseios, suas necessidades, suas falas, seus sonhos, seus medos, sua religiosidade, enfim, suas vidas. Esse era o mote que te fazia levantar todos os dias, estudar, ler vorazmente, do budismo engajado aos movimentos sociais, das propostas políticas ao Catholic Agitator¹, não importa o que fosse, contanto que te ajudasse a compreender os pobres e a questão da pobreza no Brasil. Essa era a tua conversão.

O que sempre me emocionou é essa maneira inusitada de juntar saberes e práticas, para chegar a um pensamento muito próprio e inovador na maneira de formular, no jeito de dizer, o que facilitava a compreensão dentro e fora da academia. Esse conhecimento também era construído durante o trabalho junto ao movimento popular organizado, nas tuas aulas e/ou orientações, onde teus olhos brilhavam com as observações dos alunos, que mais tarde, como fruto dessa troca, apareceriam nos teus escritos.

Na tua mesa ficou aberto o texto que você estava lendo durante a manhã do dia sete, “Os Pobres e o Espírito Santo”¹, e o rascunho da última reunião indicando tuas novas preocupações. Juntar Simone Weil¹, Charles de Foucault¹, Adalberto Barreto¹ e Francisco de Assis¹ para estudar a convivência com os pobres, saúde e sofrimento. Isso exemplifica bem a tua maneira única de ler o mundo, e isso é que faz com que eu te ame tanto, porque essa mesma maneira você tinha no teu cotidiano e na convivência com todas as pessoas que te cercavam.

Você se dizia Gramsciano¹, e assim adquiriu o direito de ir e vir nos pensamentos e nos textos, voltar ao mesmo ponto da partida ou da chegada, mas sempre acrescentando a semente de uma nova percepção, daquela maneira que somente você sabia compartilhar. E nesse mesmo movimento de idas e vindas é que nasceu o novo livro: Classes Populares no Brasil: exercícios de compreensão¹ onde você na companhia de Eveline e Beatriz¹ re-visita alguns textos representativos de cada fase do teu trabalho. O resultado não poderia ser melhor, é um livro lindo. Estou me empenhando para lançá-lo no primeiro semestre do ano que vem, como havíamos planejado.

Por falar em livro me veio uma lembrança engraçada. Quando você falava, algumas vezes ainda trocava o gênero, a por o, ou vice versa – quando aprendi português, a professora ensinou que todas as palavras que terminavam com a eram femininas, e as que terminavam com o masculinas, fora as exceções – você dizia, e

ria. Mas, ao escrever, esse erro não aparecia porque a escrita fluía, e porque esse era teu ofício, estudar, pensar, vivenciar e escrever, tudo num mesmo tempo de viver.

Viver também significava rir, se divertir, curtir, viajar. O lazer era bem vindo, fosse tomando uma boa caipirinha daquela que só você sabia preparar, ou durante as férias em Guapimirim, Maringá ou em outras serras, o farto café da manhã das pousadas, a sauna no final das tardes e antigamente as caminhadas. E teve Figueira, onde fomos durante anos, levávamos Daniela¹ que brincava com as crianças de lá, até Não agüentar mais o que acontecia tarde da noite. Afinal a vida não era só trabalho. Ainda tínhamos as viagens malucas de carro a São Paulo para visitar meus irmãos ou teus filhos em Campinas, parando pela Dutra de preferência na companhia de Denilson¹ que fazia também o papel de segurança.

Mas nada disso ganhava das nossas conversas nas madrugadas, quando acordávamos do primeiro sono e engrenávamos num blá, blá, blá, ora engraçado, ora profundo, ora apenas carinhoso. Gostávamos muito de conversar, trocar ideias, comentários, mesmo durante o tempo em que trabalhamos juntos no Cepel¹. Foram anos de muita convivência com a população das favelas da região, com os agentes de saúde, produzindo o Sinal¹ montando um arquivo¹ para consulta da própria população e dos estudantes, capacitando os movimentos sociais organizados, acompanhando e militando junto a esses amigos em busca de melhores condições de vida, retratados, por exemplo, na luta do direito pela água de qualidade entrando nas caixas das casas todos os dias. Você ficava chocado ao saber que as mulheres moradoras da região limpavam a casa de madrugada nos dias em que entrava água tratada. Somente interrompemos este trabalho quando você foi fazer o pós-doutorado na tua cidade natal, na UCLA, aonde você ia todos os dias desenvolver novos estudos agora incorporando também a teoria do apoio social¹. Eu fui junto disposta a investigar questões da fotografia. Foram seis meses de um tempo muito criativo para nós dois.

Ir à Los Angeles visitar teus irmãos e principalmente tua tão querida irmã Maria, viagem que fizemos algumas vezes, eram motivo de alegria e emoção, apesar do teu medo de voar. Aliás, você tinha boas histórias para contar sobre tuas atitudes no avião. Uma das mais engraçadas foi quando íamos num vôo de São Francisco para Los Angeles e antes de decolar você disse para a aeromoça – moça, estou com medo, preciso de um whisky - e ela prontamente te ofereceu um copo. O senhor que estava sentado atrás de nós, perguntou o que você tinha falado para ganhar a bebida e você disse – falei que estava com medo – Imediatamente ele se levantou e começou a fingir que esta tremendo, chacoalhando o corpo todo para

chamar a atenção da aeromoça. Foi muito engraçado mesmo.

Com certeza você se recorda de como planejávamos nossos dias de visita. A maior parte das horas era dedicada a visitar tua irmã no convento das Carmelitas em Alhambra, nos arredores de Los Angeles. Fazíamos a nossa rotina, levantar, andar (às vezes somente eu), tomar café, descansar, pegar o carro, almoçar na nossa lanchonete favorita – sanduíche club social e torta de maçã com sorvete de creme, e, ficar com Maria por pelo menos cinco horas, tomar o café que a Sister Theresa servia e mais uma vez, conversar até que ela dissesse que era hora de irmos embora, pois ela ainda tinha outros afazeres. Isso não te cansava, você poderia repetir essa visita quantos dias tivessem, abrir teu coração e se emocionar com o que ela falava, com o que vocês trocavam que ia muito além de um profundo amor. Tua maior felicidade foi a visita que ela nos fez o ano passado. Recordo que você chorou quase por uma semana de tanta emoção, não somente por te-la perto, mas porque Maria estava finalmente conhecendo teus amigos, tua cidade, teu lugar de trabalho, tua casa, enfim, tua vida no Brasil. Achava que a partir daí, as conversas entre vocês teriam outro sentido, mais real. Você iria gostar de saber que ela continua ligando, perguntando como estou e dizendo que também miss you.

O restante das horas era dividido entre teus irmãos, onde você falava do Brasil e das tuas escolhas sonhando um dia ser compreendido por eles naquilo que você fazia. Acho que com o passar dos anos eles já não questionavam tanto, mas ainda achavam um pouco estranho você escolher o Brasil para viver. No entanto isso não diminuía tua demonstração de carinho, de emoção. Aliás, venho lembrando muito desses momentos, dos teus muitos momentos de emoção que você não tinha vergonha de demonstrar. Sou um chorão – dizia quando as lágrimas vinham anuviando teus olhos. Assim foi na cerimônia do título de Professor Emérito que a Friocuz¹ te conferiu e que te deixou muito feliz. Estou parecendo um político – você disse rindo ao desfilar com a beca caprichada de calça e paletó social, um dos raros momentos em que não trajava a velha calça jeans e camisa esporte. Estar ligado a Escola¹, poder trabalhar mesmo aposentado, dar aulas e orientar, encontrar os colegas e alunos ao almoçar no bandeirão, era sinônimo de felicidade.

No entanto posso dizer que a tua emoção aflorou com mais intensidade nos últimos anos. Era assim quando encontrava os amigos (as) mais queridos (as), quando os recebia em casa, quando Denilson chegava, quando ia à igreja, quando estava com o grupo de meditação¹ e quando se dava conta que estava voltando a andar. Embora ainda fosse um andar um pouco instável, onde precisava do apoio do fisioterapeuta ou do Denilson, para você tinha um grande significado. Abria a

possibilidade de uma nova autonomia, da qual você sentia tanta falta. Esse era o sonho que você perseguia.

Ainda teria muito para te falar, afinal temos vinte e dois anos de lembranças e vida em comum. Hoje já se passaram muitos dias depois do final de semana inicial, mas coincidentemente também é um final de semana. Andando pela cidade percebi que já está enfeitada para o natal, os presépios e as luzes coloridas com as quais você se encantava já começaram a se espalhar. Lembra que você queria fazer um concurso nesta rua - é a mais bonita da cidade. Vamos sentir falta neste Natal da tua alegria na ceia, com o peru e cranbarry, o tender, a farofa brasileira e as frutas multicoloridas, além da pumpkin pie e das rabanadas que não podiam faltar. Mas fique sabendo que a maneira de te ter é levar você dentro de nós, para sempre.

Beijos

Kitta (tua eterna namorada)¹

Plagiando o último bilhete do dia dos namorados onde dizia: para Kitta, minha eterna namorada com todo meu amor, Victor.

¹ Plagiando o último bilhete do dia dos namorados onde dizia: para Kitta, minha eterna namorada com todo meu amor, Victor.